

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

JANE ANDIARA SOARES ZOFOLI

**POÉTICA DO DESC-ARTE: FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE EM SANTA  
MARIA**

Santa Maria, RS  
2020



**JANE ANDIARA SOARES ZOFOLI**

**POÉTICA DO DESC-ARTE: FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE EM SANTA  
MARIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Artes Visuais**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Darci Raquel Fonseca

Santa Maria, RS  
2020

Zofoli, Jane Andriara Soares  
POÉTICA DO DESC-ARTE: FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE EM  
SANTA MARIA / Jane Andriara Soares Zofoli.- 2020.  
134 p.; 30 cm

Orientadora: Darcy Raquel Fonseca  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Artes Visuais, RS, 2020

1. Arte Contemporânea 2. Arte e Tecnologia 3. Descarte  
4. Fotografia 5. Meio Ambiente I. Fonseca, Darcy Raquel  
II. Título.

sistema de geração automática de ficha catalográfica da unsm. dados fornecidos pelo autor(s). sob supervisão da direção da divisão de processos técnicos da biblioteca central. bibliotecária responsável: raula schoenfeldt patta em 10/17/20.

Declaro, JANE ANDIARA SOARES ZOFOLI, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

JANE ANDIARA SOARES ZOFOLI

**POÉTICA DO DESC-ARTE: FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE EM SANTA MARIA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Artes Visuais**.

---

**Darci Raquel Fonseca Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Presidente / Orientadora)

---

**Nara Cristina Santos, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**



---

**Niura Legramante, Dr.<sup>a</sup> (UFRGS) - Videoconferência**

Santa Maria, RS  
2020



## **DEDICATÓRIA**

**Dedico esse título aos amores de minha vida, ascendentes e descendentes,  
pelos valores recebidos e que procuro transmitir.**



## AGRADECIMENTOS

Meus filhos, minha mãe, minhas netas, meu neto, minhas irmãs, nora, genros, vocês são a razão de tudo. Sobrinhos e sobrinhas são a parte mais gostosa desse desafio: o orgulho que tem de mim. A vocês, dedico esse título.

Ao meu pai, In memoriam, cujo sonho era estabelecer um comércio em Camobi, para os filhos cursarem a UFSM.

Hoje venho agradecer por tudo que vivi nestes anos de Mestrado em Artes. Deus foi sempre piedoso e permitiu que seja inquieta, pronta para novos desafios sempre.

Meus queridos amigos sempre disponíveis para partilhar qualquer momento. Foram fundamentais.

A minha amada UFSM, pública e gratuita, com qualidade que serve de exemplo para o mundo.

Obrigada Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, excelência em pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de estudos durante os últimos doze meses de Mestrado

Agradeço a ti Raquel minha orientadora que sempre me permitiu ser original, incentivou o gosto pela pesquisa, foi paciente e generosa.

Aos professores todos, do CAL e visitantes, que compartilharam seu saber conosco.

Reinilda sempre disposta a me ouvir e indicar leituras.

Nara, nunca esquecerei o dia de comemoração dos 50 anos do CAL, a 1203 cheia de pessoas importantes, tu, conduzindo as homenagens pedes para eu levantar e diz que eu era uma aluna que servia de exemplo pela garra e determinação.

Helga o Meio Ambiente me arrebatou, tanto quanto a ti. Guattari foi fundamental.

Camila e Daiane, obrigada pela disposição em auxiliar sempre.

Junior, meu amigo querido, nunca, em tempo algum vou esquecer toda a força que me deste. Tarde da noite me socorria, com e-mails, mensagens trocadas ajudando nos lattes, nos assuntos de artes. Jéssica, Bruna e Junior, obrigada.

Rosângela e Anderson o auxílio na finalização com a paginação do trabalho foi impagável.

Regina, minha irmã, que seria de mim sem tua generosa contribuição?

Por fim, e por absoluta prova de amor, Rogerio, meu amor e parceiro, por tudo que compartilhas comigo. Pela tua mão, sempre, em todos os trabalhos.

Enfim hoje é só agradecer.



## RESUMO

### POÉTICA DO DESC-ARTE: FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE EM SANTA MARIA

AUTOR: JANE ANDIARA SOARES ZOFOLI  
ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> DARCI RAQUEL FONSECA

Desc-Arte é uma pesquisa em Artes Visuais, cujo processo de realização conjuga fotografia, vídeo e instalação, e tem como objetivo questionar o descarte através da criação artística, no intuito de sensibilizar através do olhar fotográfico ressignificado e de verificar como ele é realizado em Santa Maria, RS. A transmutação dos objetos sem arte na arte existe desde Marcel Duchamp e se tornou uma realidade incontornável na prática contemporânea da arte. Portanto, Desc-Arte propõe um trabalho que questiona e sensibiliza, na expectativa de provocar a conscientização de uma prática sustentável em relação ao que se consome e rejeita, particularmente, na localidade citada. A arte, por ser estética, é também política e se presta à prática artística e à formalização teórica sobre o descarte. Nesse sentido, centralizar o presente trabalho como meio de ressignificação do olhar a partir do descarte oportuniza a transmutação desse objeto sem arte para a arte que este projeto sustenta. Para tanto, ressignificar pelo olhar da imagem os objetos descartados como poética que transforma faz da insignificância dada ao descarte um meio de conscientização do problema recorrente na sociedade atual. Esta pesquisa centrada no descarte através da arte abre pistas interessantes e necessárias que permitem pensar, conscientizar e agir para o bem comum na sociedade santa-mariense, ainda carente de ações sustentáveis nesse quesito. Para tanto, sustenta-se com obras de artistas renomados e autores, através dos quais foi abordada a questão do descarte em Santa Maria, e em autores da fotografia e da arte que contribuem para esclarecer as questões abordadas. Questionar o que significa dar visibilidade ao que parece insignificante para muitos e verificar como o poder público desta localidade trata o problema foram metas seguidas com intensidade. Sustentando o percurso fica a pergunta: não conteria a arte os conteúdos necessários capazes de sensibilizar e conscientizar camadas inteiras da sociedade que descarta e, ao mesmo tempo, torna-se vítima de seus próprios atos?

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Arte e Tecnologia. Descarte. Fotografia. Meio Ambiente. Poéticas Visuais.



## ABSTRACT

### POETIC OF DESC-ART: PHOTOGRAPHY AND ENVIRONMENT IN SANTA MARIA

AUTHOR: JANE ANDIARA SOARES ZOFOLI  
ADVISOR: Prof.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> DARCI RAQUEL FONSECA

Desc-Arte is a research in Visual Arts, whose realization process combines photography, video and installation, and aims to question the discard through artistic creation, in order to sensitize through the photographic reframed and to verify how it is discard out in Santa Maria RS. The transmutation of objects without art in art has existed since Marcel Duchamp, and has become an unavoidable reality in the contemporary practice of art. Therefore, Desc-Arte proposes a work that questions and sensitizes, in the expectation of provoking the awareness of a sustainable practice in relation to what is consumed and rejects, particularly, in this locality. Art, because it is aesthetic, is also political and lends itself to artistic practice and theoretical formalization about disposal. In this sense, centralizing the present work as a means of resignifying the gaze from the discard opportunizes the transmutation of this object without art to the art that this project sustains. For that, re-signifying the discarded objects through the look of the image as a poetry that transforms makes the insignificance given to the discard a means of raising awareness of the recurring problem in today's society. To this end, works by renowned artists and authors, through which the issue of disposal in Santa Maria was addressed, and in authors of photography and art who contribute to clarify the issues support it. Questioning what it means to give visibility to what seems insignificant to many and to see how the public power of this locality treats the problem were goals followed with intensity. Sustaining the path is the question: would art not contain the necessary contents capable of sensitizing and raising awareness of entire layers of society that discards and, at the same time, becomes a victim of its own acts?

**Keywords:** Contemporary art. Art and Technology. Discard. Photography. Environment. Visual Poetics.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Jane Zofoli, S/título (2020) – Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	28
Figura 02 – Michael Pinsky, <i>Instalação Canal de l’Ourq</i> – Paris, 2015.....	29
Figura 03 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	32
Figura 04 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	33
Figura 05 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	34
Figura 06 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	35
Figura 07 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	35
Figura 08 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	36
Figura 09 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital – 21x30cm - Santa Maria, RS.....	37
Figura 10 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital – 21x30cm - Santa Maria, RS.....	38
Figura 11 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	39
Figura 12 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	40
Figura 13 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	41
Figura 14 – Vik Muniz - <i>Da tela Leda e o Cisne, de Leonardo Da Vinci, (2009)</i> 130,2x101,6 - Foto Vik Muniz, 2009.....	42
Figura 15 – Vik Muniz - <i>Melancolia: Imagem de atriz, projetada no chão com intervenção de peças de lixo (2009)</i> 768x512cm - Foto Vick Muniz, 2009.....	43
Figura 16 – Vik Muniz - <i>Sócrates, (1998)</i> - Fotografia 183 x 122 cm. – Foto Vik Muniz, 1998.....	44
Figura 17 – Vik Muniz - Projeto <i>“Lixo Extraordinário”, (2010)</i> – Foto Vik Muniz, 2010.....	45
Figura 18 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	47
Figura 19 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	48
Figura 20 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	49
Figura 21 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	50
Figura 22 – Daniel Beltrá - Imagem Barragem no Amapá (2015), Fotografia digital. Foto Daniel Beltrá.....	51
Figura 23 – Mandy Barker – <i>Sopa, (2015)</i> Fotografia digital– restos de lixo no mar. Foto Mandy Barker.....	52

Figura 24 – Félix Émile Taunay - <i>Floresta Reduzida a Carvão</i> , 1830/ Óleo sobre tela– 135cmx195cm. Foto W. Morgenthaler, 2017.....	53
Figura 25 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	56
Figura 26 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	56
Figura 27 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	57
Figura 28 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	57
Figura 29 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	59
Figura 30 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	59
Figura 31 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	69
Figura 32 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	70
Figura 33 – Jane Zofoli – S/título (2018), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	71
Figura 34 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	73
Figura 35 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	74
Figura 36 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	75
Figura 37 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	76
Figura 38 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	77
Figura 39 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	78
Figura 40 – Sayaka Ganz – série <i>Frequência X</i> (2017) - Foto Itaú Cultural.....	79
Figura 41 – Sayaka Ganz – série <i>Frequência X</i> (2017) - Foto Itaú Cultural.....	79
Figura 42 – Alejandro Duran – <i>Lavado</i> (2015) – Costa Caribenha - Instalação lixo marinho.....	80
Figura 43 – Alejandro Duran – <i>Lavado</i> (2015) – Costa Caribenha - Instalação lixo marinho.....	80
Figura 44 – Desenho expandido sobre papel cartão 40x40cm (2019) .....	82
Figura 45 – Desenho expandido sobre papel cartão 40x40cm (2019) .....	82
Figura 46 – Desenho expandido sobre papel cartão 40x40cm (2019) .....	82
Figura 47– Desenho expandido sobre papel cartão 40x40cm (2019) .....	82
Figura 48 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	84
Figura 49 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital - 30x21cm - Santa Maria, RS.....	84
Figura 50 – Raquel Fonseca – S/título (2019) Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	84
Figura 51 – Raquel Fonseca – S/título (2019) Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	84

Figura 52 – Raquel Fonseca – S/título (2019) Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	85
Figura 53 – Raquel Fonseca – S/título (2019) Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	85
Figura 54 – Jane Zofoli - <i>Objetos do acaso</i> (2020) – Desenho expandido sobre Eucatex - 1,00x0,80m – Foto Jane Zofoli.....	86
Figura 55 – Jane Zofoli - <i>Aramados</i> (2020) – Desenho expandido sobre Eucatex - 1,00x0,80m – Foto Jane Zofoli.....	87
Figura 56 – Jane Zofoli – <i>Contemporâneo</i> (2020) – Instalação descartes sobre metal - 1,50x1,00m – Foto Jane Zofoli.....	88
Figura 57 – Nuno Ramos, Sucata sobre madeira, técnica mista, (1988) - 1000x588cm, Itaú Cultural.....	89
Figura 58 – Jane Zofoli, S/título (2020) - Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	89
Figura 59 – Jane Zofoli – S/título (2019), Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	94
Figura 60 – Henrique Oliveira. Tapumes (2009). Rice Gallery-Houston. 2009. Madeira 4,7m x 13,4m x 2m. Foto: Nash Baker.....	95
Figura 61 – Renata de Andrade Resende. Objetos quadrados, (1995). 150x150x7 Foto: Renata de Andrade Resende.....	96
Figura 62 – João Alves – Prefeitura Municipal - Fotografia container recicláveis. Foto João Alves (2019) .....	99
Figura 63 – Museu do Amanhã – Orla do Rio de Janeiro, RJ (2015) .....	102
Figura 64 – Jane Zofoli - <i>Reverso</i> (2019) Foto montagem, 50mx0,90m. Foto: Jane Zofoli .....	103
Figura 65 – Eduardo Sur Intervenção urbana no Rio Tietê, São Paulo, (2008). Foto: Gui Yuji.....	105
Figura 66 – Eduardo Srur – <i>Caiaques</i> , (2006) - Instalação plástico e remos de alumínio, manequins de plástico; 3,60 x0, 78x1, 10m; - Foto: Eduardo Srur.....	106
Figura 67 – Jane Zofoli, S/título (2019) - Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	107
Figura 68 – Jane Zofoli – S/título (2020), Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	108
Figura 69 – Jane Zofoli – S/título (2020), Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	109
Figura 70 – Jane Zofoli – S/título (2020), Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	110
Figura 71 – Jane Zofoli – S/título (2020), Fotografia digital 30x21cm - Santa Maria, RS.....	111
Figura 72 – Jane Zofoli -Visão geral da Exposição, (2020) - Santa Maria, RS – fotografia Raquel Fonseca.....	112
Figura 73 – Jane Zofoli – <i>Recicláveis I</i> , (2020) - Santa Maria, RS – foto: Jane Zofoli.....	113
Figura 74 – Jane Zofoli – <i>Recicláveis II</i> – (2020) - Santa Maria, RS – fotografia Jane Zofoli.....	113
Figura 75 – Jane Zofoli, Desc-arte Metal I – (2020) - Santa Maria – fotografia Jane Zofoli.....	113

Figura 76 – Jane Zofoli, Desc-arte Metal II - (2020) - Santa Maria – fotografia Jane Zofoli.....	113
Figura 77 – Jane Zofoli, Desenho expandido I e II, (2020) - Santa Maria, RS – fotografia Jane Zofoli.....	114
Figura 78 – Jane Zofoli, Detalhes desenho, (2020) - Santa Maria, RS – fotografia Raquel Fonseca.....	114
Figura 79 – Jane Zofoli, Desc-arte; serigrafia e reciclagem doméstica, (2020) – fotografia Raquel Fonseca.....	115
Figura 80 – Jane Zofoli, Desc-arte; serigrafia e reciclagem doméstica, (2020) - fotografia Raquel Fonseca.....	115
Figura 81 – Jane Zofoli, Desc-arte; serigrafia e reciclagem doméstica, (2020) – fotografia Raquel Fonseca.....	115
Figura 82 – Jane Zofoli, Desc-arte; serigrafia e reciclagem doméstica, (2020) – Fotografia Jane Zofoli.....	115
Figura 83 – Jane Zofoli, Desc-arte; serigrafia e reciclagem doméstica, (2020) - Fotografia Jane Zofoli.....	115

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>A FOTOGRAFIA COMO MANIFESTAÇÃO DO REAL TRANSMUTADO E SENSIBILIZADO.....</b>	<b>23</b>
2.1	O DESCARTE COMO INTERESSE INICIAL DE PESQUISA.....	31
2.2	FOTOGRAFIA E AS QUESTÕES SOCIAIS.....	39
2.3	FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE.....	47
2.4	A SUCATA EM FOCO.....	55
<b>3</b>	<b>DO DESCARTE À ARTE.....</b>	<b>63</b>
3.1	OBJETOS E MATERIAIS TRANSFIGURADOS PELA ARTE.....	65
3.2	CONTEÚDO ESTÉTICO DO LIXO.....	71
<b>3.2.1</b>	<b>Desc-arte e os rejeitos da arte.....</b>	<b>81</b>
3.3	A SUCATA OCUPANDO O ESPAÇO.....	86
<b>4</b>	<b>A ARTE MUDANDO PARADIGMAS.....</b>	<b>91</b>
4.1	A ARTE E AS QUESTÕES AMBIENTAIS.....	95
4.2	POÉTICA: UM OLHAR SOBRE O CADENA.....	106
4.3	DESC-ARTE: APRESENTAÇÃO FINAL.....	112
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>121</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>125</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Poética do desc-arte: fotografia e meio ambiente em Santa Maria é uma pesquisa que nos leva a questionar o descarte no contexto das Artes Visuais. A questão central do presente trabalho é a resignificação do olhar, com o objetivo de pensar esse objeto sem arte, na arte. Para tanto, podemos perguntar: como resignificar pelo olhar fotográfico os objetos descartados, numa poética que transforma a insignificância dada ao descarte, para uma possível conscientização própria desse problema que envolve a sociedade atual? Em se tratando de uma pesquisa em Santa Maria, RS, como o poder público municipal trata essa questão? O que significa dar visibilidade ao que parece uma evidência? Não seria essa possibilidade, oferecida pela arte, uma maneira de sensibilizar e conscientizar os integrantes da sociedade que descarta, sobre os problemas resultantes de tal ação?

A escolha do tema descarte e o impacto no meio ambiente é relevante e significativa para as artes, num processo que conjuga o fazer artístico com o profundo interesse que tenho pelo diálogo entre o consumo exagerado e o descarte irresponsáveis, próprios da sociedade contemporânea. A palavra descarte, neste contexto, leva-nos a um fazer artístico cuja reconstrução do banal vislumbra a arte (desc-arte). Se em Desc-Arte a arte já se encontra, é no processo de realização que este trabalho fortalecerá o diálogo proposto.

Para a presente realização, a fotografia foi a linguagem que permitiu iniciar esta pesquisa. A fotografia, pela visibilidade que lhe é própria e pela sua capacidade de materializar, em imagem, o que passa despercebido ao olhar apressado, ofereceu condições de recriar o mundo real em realidade sensível. Utilizando esse recurso de *mise-en-oeuvre*,<sup>1</sup> a imagem potencializada de sucatas e da degradação do meio ambiente gerou um trabalho poético que compreende fotografias realizadas na cidade de Santa Maria e seus arredores.

Este projeto se justifica pela contínua necessidade de criar e de pensar o processo de criação artística com importantes referências vividas, não só para mim, mas para a comunidade contemporânea, tão implicada com as questões ambientais. Pretendo, através desta pesquisa, contribuir com uma poética onde os objetos reciclados pela arte da fotografia abarquem os problemas ambientais, numa

---

<sup>1</sup> Do francês, instauração da obra.

tentativa de conscientização da necessidade de uma política de sustentabilidade local. Também justifico o referido propósito enquanto indivíduo deste tempo, na intenção de contribuir com ações que melhorem o estado de convivência entre os pares. Tentar, a cada ação, entender a razão de viver neste planeta, com a consciência fundamental de coexistência num mundo melhor. Cuidar e modificar hábitos na expectativa de reduzir os materiais descartados nos mares, rios, campos, enfim, na natureza como um todo, através da pesquisa em arte.

O objeto desta pesquisa em arte, pelo seu poder de comunicação sensível, busca alertar para uma conscientização dos problemas ambientais evidenciados pelas fotografias. A realidade sensibilizada pela fotografia aponta para assuntos graves conforme exemplifica o trabalho de Vik Muniz, no lixão do Rio de Janeiro. O trabalho de Muniz é exemplo do que pode a arte e seu modo de transpor barreiras, alargando o que ela comunica.

No primeiro capítulo desta dissertação abordo os conceitos da fotografia como visibilidade, transformação estética, arte e não arte, sustentados por teóricos como, Roland Barthes, Susan Sontag, Philippe Dubois, Walter Benjamin. Como referência artística, que ajudarão no esclarecimento das questões da arte referindo-se ao descarte temos Michael Pinsky, Vik Muniz, Mandy Barker, Daniel Beltrá. A fotografia permitirá interrogar, mostrar e indicar possíveis caminhos que possam minimizar os problemas causados pelo descarte a partir de uma realização sistemática de apreensão de imagens em diversos locais de Santa Maria. O que fazer dos lixos que vemos nos leitos dos mananciais, afetando negativamente os recursos naturais? Permitir que isso continue, sem que nos preocupemos com a devastação causada? Minha inquietação me impulsiona a observar como o descarte acontece na cidade de Santa Maria e de que maneira, a arte pode para dar visibilidade a esse problema que afeta a todos. A fotografia nesta pesquisa contribui para um pensamento afinado sobre o problema do descarte, visto que sua força transformadora ultrapassa os limites da própria (re)apresentação chegando a um público amplo da sociedade. O trabalho fotográfico realizado em Santa Maria e seus arredores fundamenta o desenvolvimento do primeiro capítulo desta dissertação revelando um panorama inquietante e a necessidade de ações que permitam, senão solucionar, pelo menos, minimizar os efeitos dos descartes selvagens ou mal organizados que se transformam em agentes poluidores. Neste primeiro capítulo, a experiência prática tem um caminho de duplo sentido; ver e fazer

ver, através da fotografia, o que na realidade já não vemos mais, ou, tampouco damos importância. Não estaríamos aqui configurando já o ato de uma possível política sustentável do descarte?

No segundo capítulo, abordo a poética contida nos objetos descartados explorando uma estética deste objeto de estudo no trânsito do descarte à arte, focando, principalmente, objetos plásticos e metálicos. A realização poética da fotografia, se distancia aos poucos da bidimensionalidade que lhe é própria para ocupar o espaço da foto instalação e da instalação bem como da projeção de vídeos. Objetos de descarte são utilizados em telas numa composição que cruza fotografias e desenhos, sustentados por massa acrílica e tinta onde o todo se expande fora do quadro da representação. Adorno sustenta a pesquisa teórica pela sua visão crítica ao capitalismo e aceitação de novos materiais para a arte. No processo poético tomo como referência, Alejandro Duran, Nuno Ramos e Sayaka Ganz cujas obras esclarecem e sustentam minha poética.

O terceiro e último capítulo consiste no aprofundamento de questões levantadas a respeito do descarte no campo das artes visuais. Nele, as questões ambientais e fatores que levam à degradação causada pela sociedade atual terão uma atenção particular, considerando a contribuição da arte para a sustentabilidade do meio ambiente. A necessidade do enfoque releva os problemas que interferem negativamente no meio ambiente e que, conseqüentemente, afetam a todos e confirmam o interesse de pesquisas nesse sentido. A arte pode ser questionadora e, particularmente, através da fotografia, que mostra questões que nem sempre percebemos naturalmente. Nesse sentido, a fotografia revela e apresenta com extrema visibilidade para além do objeto que rejeitamos, uma vez que a foto estabiliza mas não estagna o pensamento de quem a vê; também é objeto de experiência poética da qual emergem os questionamentos que este trabalho impõe. Vemos na fotografia um meio eficaz para ressaltar a ausência de percepção relacionada ao meio ambiente; a observação de todo tipo de rejeito encontrado em Santa Maria abre caminhos para ações sustentáveis, apoiadas por uma política de proteção do meio ambiente.

Poética do desc-arte: fotografia e meio ambiente em Santa Maria é uma pesquisa em artes visuais que pretende sensibilizar de modo que ultrapasse a especificidade da academia, mas como uma riqueza cultural que se estenda à comunidade, considerando a importância de ações sustentáveis, apontando as

existentes e ampliando a conscientização de nossa sociedade de consumo pelo que ela descarta. Consciência que muitos artistas vêm despertando através de obras que engajam a população a repensar atitudes e gestos em favor do meio ambiente a exemplo da obra do artista inglês Michel Pinsky no canal de l'Ourq, em Paris. Contribuem com a elaboração teórica deste capítulo, François Soulages, Félix Guattari, Marta Tochetto, Leonardo Boff.

Esta pesquisa conta com um anexo (APÊNDICE B), que traz uma entrevista com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marta Tochetto, professora aposentada do Departamento de Química, da Universidade Federal de Santa Maria, que apresenta uma longa trajetória como pesquisadora sobre o Meio Ambiente, o que enriquece este trabalho.

## 2 A FOTOGRAFIA COMO MANIFESTAÇÃO DO REAL TRANSMUTADO E SENSIBILIZADO

Será que teria a arte uma função? Se é que se pode conferir-lhe uma função, esta seria específica, ou seja, de ser antes de tudo questionadora e, nessa função, contribuir para interrogar o mundo e as coisas do mundo, como exemplificamos nesta pesquisa, o questionamento sobre o descarte. Ela expressa os sentimentos do artista e a maneira particular com que ele percebe o meio à sua volta. A função da arte é muito abrangente, pois expressa realidades externas, internas e pessoais, podendo despertar a emoção pelo que ela concentra. Certamente, o homem passa por processos de transformação de hábitos ao longo de sua existência. Nesses processos, alguns inovam conceitos e modos de fazer e pensar, observando a indispensável liberdade de se expressar; o artista se encontra na categoria de pessoas que fazem uso da liberdade de pensar e de impulsionar transformações através da arte que questiona, contribuindo para avançar pensamentos e atitudes.

Podemos dizer que a arte pode revelar condições da vida material que estabelecem relações com as ações de indivíduos na sociedade. É o resultado de uma formação pautada no entrelaçamento entre o individual e social que favorece a mediação entre o homem e o mundo. Por isto, a arte pode ser vista como conhecimento, por ser um elemento que domina e é ao mesmo tempo dominado, pela coexistência em si, pelo individual e social. Segundo pensamento de Coli (1995, p. 109)

A arte tem assim uma função que poderíamos chamar de conhecimento, de 'aprendizagem'. Seu domínio é o do não-racional, do indizível, da sensibilidade: domínio sem fronteiras nítidas, muito diferente do mundo da ciência, da lógica, da teoria. Domínio fecundo, pois nosso contato com a arte nos transforma. Porque o objeto artístico traz em si, habilmente organizados, os meios de despertar em nós, em nossas emoções e razão, reações culturalmente ricas, que aguçam os instrumentos dos quais nos servimos para apreender o mundo que nos rodeia.

A partir da observação do meio ambiente que nos cerca, deparamo-nos com cenas, que parecem harmoniosas à primeira vista. Contudo a harmonia é ilusória quando vemos o descaso e a degradação da natureza nelas contidas. Consciente dessa realidade no meu entorno, minha ação poética através da fotografia não expõe simplesmente, pois o que ela revela gera reflexões e levanta

questionamentos sobre os problemas ambientais, resultantes da negligência que cresce em escala geométrica. Minha expectativa neste encaminhamento poético consiste em diminuir o impacto negativo na minha localidade e, por extensão, no planeta terra que sofre por toda sorte de descarte. A fotografia sustenta de maneira fundamental a expectativa de visibilidade com força e conscientização que este trabalho desempenha: muitas vezes, ao confrontarmos com imagens fortes e carregadas de conteúdos indiciais e sensíveis, somos pungidos, ou seja, somos afetados pelo conteúdo que elas comunicam. Este trabalho, a partir da fotografia, ultrapassa a barreira do racional no processo poético de sensibilização dos objetos, para que outros possam viver essa experiência pelo/através do olhar. Quando o olhar nos revela a relação perturbada da sociedade com a natureza, fica explícita a urgência de ações que ajudem a desencadear mudanças de hábitos e consciências.

O olhar da fotografia pode ser considerado um ato distanciado, pois ele recicla a realidade e a transmuta em imagem fotográfica. Essa maneira de selecionar os objetos descartados possibilita a visibilidade dos problemas que nós, consumidores, causamos ao meio ambiente. Através deste trabalho que parte da fotografia, a pretensão de trazer uma contribuição efetiva para as artes e para a comunidade é animada por esse tema que diz respeito a todos nós, que deve nos implicar sobremaneira.

Portanto, nesta pesquisa de mestrado, abordo de forma intensa as proposições da poética, entrecruzando as questões ambientais como engajamento de um projeto pessoal, com a pretensão de extensão para além do âmbito da academia. Talvez seja esse caminho, o meio propício de troca com a sociedade, quando o olhar é solicitado a ver com atenção o que nos cerca, passando à percepção do mundo.

Durante a pesquisa de campo, pude confrontar-me com situações graves para o meio ambiente, tais como computadores, fogões, geladeiras, móveis variados, latas de tinta, de solventes, pedaços de metal e muita limalha, que é o material resultante da degradação do ferro, descartados em diferentes locais, a céu aberto, em Santa Maria, RS, sujeito à ação do tempo, e conseqüente infiltração no solo, causando infinitos danos à natureza. Fotografei mananciais, rios, onde o lixo é descartado diariamente nas margens, por cidadãos comuns e também por empresas, que ali descarregam seus lixos, literalmente, de caminhão.

Importante destacar que essa pequena observação não representa a única realidade verificada em nossa cidade. Visitei muitos locais, como recicladoras, sucatas, lixões a céu aberto. Conversei com pessoas que recolhem resíduos sólidos nas ruas da cidade. Entrevistei componentes de uma associação que recebe tais materiais descartados para futura reciclagem.

Dentre essas entrevistas ressalto entrevista que fiz com a professora doutora Marta Tochetto, do Departamento de Química da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que tem uma vasta pesquisa relacionada ao meio ambiente (Apêndice A).

Assim, fotografar materiais depositados na natureza, e deslocá-los, numa ação artística neste projeto de pesquisa em Artes Visuais responde à necessidade de projetos que ultrapassem a ação de fotografar, para que essa, por sua força de imagem, comunique, informe e sensibilize em resposta ao problema aqui tratado.

A nossa cultura está impregnada, cada vez mais, por imagens fotográficas, seja na publicidade, nas redes sociais, na intimidade. Fontcuberta (2012, p. 12) nos lembra de que “no mundo contemporâneo vivemos de “aparências” e, mesmo assim, a fotografia continua sendo uma espécie de “consciência” do mundo”. Essa consciência, evidenciada pela câmera fotográfica seria a consciência óptica, papel exercido pela fotografia, enquanto testemunha que esse problema realmente é real e não apenas “aparências”.

Através da fotografia, é possível propormos reflexões mais potentes que possam sensibilizar a sociedade às questões que dizem respeito ao modo de viver contemporâneo, não raro, alheio aos problemas ambientais. Ao falar em fotografia, Dubois<sup>2</sup> (1993, p. 25) declara: “A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que se mostra”. Nesse caso, é também documental.

Assim, esse olhar novo, mais crítico e até modificado pode surgir pela fotografia, visto que ela, como imagem, causa um forte impacto, particularmente no público contemporâneo, tão afetado pelo poder da imagem. A imagem sempre revelou sua força, a qual se confirma com Platão em o Mito da Caverna, onde as sombras alimentavam nas pessoas que se encontravam presas no interior das

---

<sup>2</sup> Philippe Dubois, pintor, fotógrafo e pesquisador francês da área da imagem, publicou o livro O Ato Fotográfico, entre tantos outros.

cavernas a ilusão de uma realidade imaginada. A fotografia é marcada pelo mito da sombra e, conseqüentemente, da luz que os objetos fotografados emitem.

Inicialmente, as fotografias recebiam críticas por suas características e limitações técnicas, mesmo assim, ainda não sendo reconhecido o ato fotográfico como um procedimento artístico e de linguagem própria, já havia a prática da apropriação da imagem fotográfica para a realização de obras de artes visuais (DUBOIS, 2001).

Para Dubois (2001), o questionamento sobre a fotografia ser arte é antigo, sendo que, durante algum tempo do século XIX, ela tinha aspirações rumo à arte. Já, ao longo do século XX, a arte se impregna de certas lógicas (formais, conceituais, de percepção, ideológicas, entre outras) próprias da fotografia. Entretanto, o autor esclarece que, hoje em dia, encarar-la como arte é uma questão ultrapassada, mas considera que a arte contemporânea é marcada por fundamentos da fotografia e esclarece que há artistas que, mesmo sem sabê-los, trabalham fotograficamente (DUBOIS, 2001).

Também surge o questionamento se a fotografia deveria ter mérito artístico, já que as imagens eram produzidas através de um aparelho técnico e não pela habilidade manual do homem. Segundo Benjamin (1994), há a perda da autenticidade da singularidade e o teor de cópia única. Também a reprodução técnica, sendo feita por um aparelho mecânico, desvaloriza o aqui e agora, despreza as marcas físicas da história e a tradição cultural que havia com a herança das obras de arte. A aura da arte é perdida (BENJAMIN, 1994)<sup>3</sup>. Mas, o que é a aura? “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais próxima que ela esteja” (BENJAMIN, 1931, p. 101). Benjamin via na tecnologia de reprodução uma “faca de dois gumes”; por um lado, ela destruía a aura, e, por outro, proporcionava a um número maior de pessoas o acesso e até uma interação com a obra de arte, que poderia ser pensada de modo diverso: a reprodução deixaria de ser tratada como uma mera cópia e passaria a ser pensada como a própria obra de arte.

Acredito que cada fotografia carrega em si as vivências e percepções de cada autor; assim como na escrita cada escritor tem seu estilo; na fotografia, o fotógrafo

---

<sup>3</sup> Walter Benjamin foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem.

tem diferentes maneiras de enquadrar a imagem e de ver as coisas do mundo. Podemos dizer que essa é uma das diferenças que a arte proporciona.

Roland Barthes<sup>4</sup> (1984) tem a convicção de que os químicos inventaram a fotografia, com a descoberta da sensibilidade dos sais de prata à luz, que permitiu captar e imprimir diretamente os raios luminosos emitidos por um objeto diversamente iluminado. Sua conclusão é: “A foto é literalmente uma emanção do referente” (BARTHES, 1984, p. 120). Além disso, para Barthes, “a essência da fotografia consiste em ratificar o que ela representa”, e “toda fotografia é um certificado de presença” (BARTHES, 1984, p. 129).

Susan Sontag<sup>5</sup> (2008, p.128) considera que “a câmera define para nós o que permitimos que seja ‘real’ – e empurra continuamente para adiante as fronteiras do real.” E, por isso: “os fotógrafos são especialmente admirados se revelam verdades ocultas sobre si mesmos ou conflitos sociais que não foram plenamente cobertos pela imprensa, em sociedades ao mesmo tempo próximas e distantes de onde vivem os espectadores”; nesse sentido, acredito que um trabalho prático sobre o descarte como tema se justifica: “ver, pensar e mudar atitudes condiz com a ação da imagem sobre quem a vê” (SONTAG, 2008, p. 138).

Fotografar locais onde sucatas são expostas é uma experiência interessante para as artes, pela potência que a fotografia confere à realidade fotografada. Os diferentes materiais encontrados podem possibilitar uma diversidade de imagens geradas no contexto da obra em processo. É nesse processo onde se entrelaça o pensamento e a realidade a ser fotografada que a formalização teórica torna-se possível. Só assim, cada imagem realizada terá conteúdo semântico capaz de nortear a pesquisa em questão. Para Flusser<sup>6</sup> (2011, p.23) “imagens são mediações entre homem e mundo. O homem existe, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de representar o mundo”

---

<sup>4</sup> Roland Barthes foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Formado em Letras Clássicas em 1939 e Gramática e Filosofia em 1943 na Universidade de Paris, fez parte da escola estruturalista, influenciado pelo linguista Ferdinand de Saussure.

<sup>5</sup> Susan Sontag foi uma escritora, crítica de arte e ativista dos Estados Unidos. Graduou-se na Universidade de Harvard e destacou-se por sua defesa dos direitos humanos. Ela conheceu todo mundo importante para a cultura pop no século XX — de Andy Warhol a Gay Talese.

<sup>6</sup> Vilém Flusser foi um filósofo Checo-brasileiro. Autodidata, durante a Segunda Guerra, fugindo do nazismo, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor

Todo artista entrega-se à sua realização, de modo que sua experiência poética possa ser compartilhada com aqueles que a veem. É nesse sentido que o artista opera, no instante da apreensão da realidade fotografada, particularmente, nesta pesquisa, quando ele deseja comunicar e, por ai, instigar outros comportamentos relativos ao grave problema da poluição causada pelo descarte de lixos. Fotografar, mapear, expor à comunidade esse material permeado, muitas vezes, por dejetos orgânicos, é engajar-se num processo de transformação ambiental seguramente sustentável, proposto pela fotografia e o que ela revela. A Figura 01 mostra a foto de um carro com flores na bagagem, as quais, em sua cor azul remetem, ironicamente à tranquilidade. A natureza acolheu para uma viagem que não sai do lugar. O carro leva na mala a resposta à ausência de consciência ambiental de quem, propositadamente, “estacionou” para sempre o veículo no local. Nesse caso a natureza, maculada pelo lixo, responde com flores, retomando seu espaço.

Figura 01 – Jane Zofoli - S/título, (2020) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

A fotografia como objeto primordial da arte contemporânea é para muitos artistas como Vik Muniz, Mandy Barker, Daniel Beltrá, Michael Pinsky, Sayaka Ganz, Renata de Andrade, fundamental e é voltada para ações sustentáveis, colocando o descarte e a poluição do meio ambiente no centro de suas realizações artísticas. Dentre os artistas referenciados nesta pesquisa, inicialmente busquei aproximar-me do artista e pesquisador inglês Michael Pinsky<sup>7</sup> que trabalha com populações e recursos locais, permitindo que o meio ambiente, social e político definam seu método de trabalho. Nesse sentido, o trabalho de Pinsky realizado em Paris, retirando do canal de l'Ourq, via navegável e importante da cidade, objetos descartados, como carrinhos de supermercado, geladeiras, bicicletas pode ser considerado um trabalho de significativo bem comum (PINSKY, 2019).

Retirados aos olhos dos passantes e moradores do entorno do canal, tais objetos foram expostos na superfície das águas com uma sonografia realizada com adolescentes do bairro que, em ateliê, captaram os sons dos próprios objetos descartados, usados como verdadeiros instrumentos, que provocam uma onda de vibração sonora no corpo dos observadores, (Figura 02).

Figura 02 – Intervenção de Michael Pinsky - Canal de l'Ourq – Paris, 2015



Fonte: Disponível em: <http://www.michaelpinsky.com/leau-qui-dort-la-villette/2015>. 2015.

---

<sup>7</sup> Michael Pinsky é um artista visual contemporâneo, que usa diversas mídias, como vídeo, performance, sistemas de mapeamento e escultura para explorar aspectos geopolíticos de um site. Através do deslocamento e da fusão de objetos e atividades existentes, ele critica o impacto do comportamento da sociedade.

Os visitantes podem baixar os sons em seus smartphones, ao direcioná-los a cada objeto exposto, estabelecendo, assim, o interesse dos passantes para com a obra e instaurando, por aí, uma possível conscientização das consequências do descarte sem critério. O artista inglês envolveu a população residente nas proximidades do canal de l'Ourq, em Paris, atentando para a necessidade de chamar a atenção daquela população sobre as consequências do descarte selvagem. O trabalho desse artista tem um efeito positivo em relação ao ambiente pois, limpando o canal à vista dos transeuntes, seu gesto foi sem dúvida impactante. Com esse trabalho poético e educativo, Michael Pinsky levanta questões sobre as consequências graves de um gesto banal, reproduzido em toda a sociedade. No site do artista assim é descrita uma fotografia da intervenção: “os reflexos da luz sob o plano dão brilho e vitalidade à paisagem retratada, configurando elementos que ecoam e tomam a imagem, juntamente com outros elementos que contrastam com as formas escuras no todo da fotografia” (PINSKY, 2015).

Não tenho pretensão de comparar meu trabalho artístico nesta pesquisa, voltada para o descarte urbano de Santa Maria, com o trabalho de um artista consagrado. No entanto, é certo dizer que minha pesquisa se aproxima da intenção contida no trabalho artístico de Michael Pinsky (2015): ambos abordam o descarte e chamam a atenção para o que descartamos de forma inadequada no nosso entorno. Com atitudes dessa ordem estaremos contribuindo para danos irreversíveis não só ao meio ambiente, mas à população humana, visto que esta é a primeira a sofrer as consequências de tais comportamentos. De acordo com Pinsky (2015) também acredito que, para adquirir o novo, as pessoas sentem necessidade de afastar o antigo de seu olhar.

Engajar este trabalho através da arte supõe um novo olhar aos valores culturais e éticos, no sentido de reorientar modos de vida conscientes da necessidade urgente de proteção do meio ambiente. Se a arte nos ajuda a compreender a sociedade, ela é também o meio através do qual se pode favorecer o surgimento de novos comportamentos que ajudem os atores sociais e políticos a tomarem decisões favoráveis ao desenvolvimento das populações. Sem dúvida, essa premissa envolve também o entorno do artista que, por retorno de circunstâncias, exerce uma forte influência sobre suas condições de criação, que sensibilizam pela força que a arte possibilita.

## 2.1 O DESCARTE COMO INTERESSE INICIAL DE PESQUISA

Meu interesse de pesquisa com ênfase no descarte de objetos no lixo iniciou durante a Graduação em Artes Visuais, na disciplina de Fotografia, porém buscava somente a estética desses materiais. Embora, há muito tempo, meu interesse pelas questões ambientais representasse um compromisso com a melhor forma de viver sem agredir a natureza, não fotografava com interesse de tornar visível a agressão. As questões ambientais ficavam num plano subliminar, talvez inconsciente.

Se minha preocupação com os materiais descartados vem de longa data, o aprofundamento dessa questão fundamental, do ponto de vista da arte, vem animar o pensamento advindo da atividade poética evidenciada nas imagens; atividade baseada numa perspectiva estética capaz de indicar soluções, a partir dos objetos esteticamente sensibilizados.

Embora fotografar objetos de sucatas possa parecer uma banalidade desprovida de beleza, as fotografias resultantes podem despertar, pela estética neles contida, efeitos interessantes que a sucata de objetos inservíveis pode causar. Do ponto de vista da arte, esses materiais são ricos, pois estimulam o olhar pela variedade de materiais. Inicialmente, fotografar sucatas constituiu para mim uma forma de visualizar as cores, as sombras e as texturas encontradas nos materiais displicentemente jogados na natureza, após seu uso.

O lixo é uma possibilidade de sensibilizar pela estética encontrada em seus elementos visuais? Penso que tudo depende do olhar do artista em buscar em materiais diversos uma poética que possa sensibilizar, transformando outros olhares.

No contexto desta pesquisa poética, o passo seguinte é tratar esse material esteticamente. A fotografia instiga a ação do artista que a fotografou a adentrar o caminho da pesquisa que lhe permitirá elaborar um trabalho que dialogue com consumo consciente e o descarte responsável. O objetivo aqui é voltado para questões que minimizem os efeitos que os dejetos causam ao planeta.

A prática artística permitiu realizar uma série de fotografias em diversos lugares, com ênfase na estética contida nos objetos descartados. Na primeira fase desta pesquisa, os objetos fotografados não representavam nenhum indício das questões ambientais. Esse trabalho possibilitou, no entanto, pensar nas questões futuras da pesquisa sobre o descarte, que passei a fotografar mais tarde.

As diferentes formas e cores vibrantes, Figura 03, formam linhas retas e curvas que se cruzam, cujas imagens são relativamente pequenas, irregulares e, claramente, não estão em movimento. Convergem serenamente entre si, todavia, gerando um verdadeiro estouro/impacto visual a quem a aprecia. As formas que se apresentam parecem dinâmicas, apesar de serem desiguais, no entanto, não causam tensão na composição total do que é revelado, pois geram certo dinamismo, devido ao que aparece definido. Uma quase convergência ao centro acaba contribuindo para tornar mais simétrica sua composição, levando à aceitação da forma geral em que se constituiu, em que os elementos em si se apresentam ou parecem se apresentar com desigual peso e medida, apesar do enquadramento ter privilegiado algumas formas mais do que às outras. Podendo, por isso, ser consideradas abstratas, pois não representam uma forma facilmente reconhecível em relação ao que eram, embora possamos imaginar que pareçam com isso ou aquilo, divergindo de pessoa para pessoa, olhar para olhar.

Figura 03 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

A fotografia, Figura 04, indica a possibilidade do lixo transformado em recurso estético. De que forma alcançar esse ideal/objetivo diante da quantidade quase que

inexpressiva de lixo que é reciclado atualmente na cidade? A materialidade dos objetos fotografados é esteticamente potente e instiga o espectador a pensar no contexto onde esse material é rejeitado: a natureza, evidenciada pela vegetação na parte inferior da fotografia. O ciclo do que é lixo, provavelmente, iniciou com o descarte do material como o da imagem descrita, configurando etapas que incluem desde a fase do consumo, sem que possamos prever suas possibilidades de reciclagem. Talvez a arte tenha lhe dado a devida resposta. O elemento que sugere um degrau orienta o todo, inviabilizando qualquer afirmativa em relação ao tipo de objeto. No entanto, o enquadramento horizontal contribui para transmitir certa tensão ao espectador, devido ao tom desgastado pela ação do tempo; uma imagem que pelo seu forte conteúdo estético produz um impacto visual intenso. O azul vibrante em contraste com o tom ferrugem do objeto sugerem volume à fotografia.

Figura 04 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS

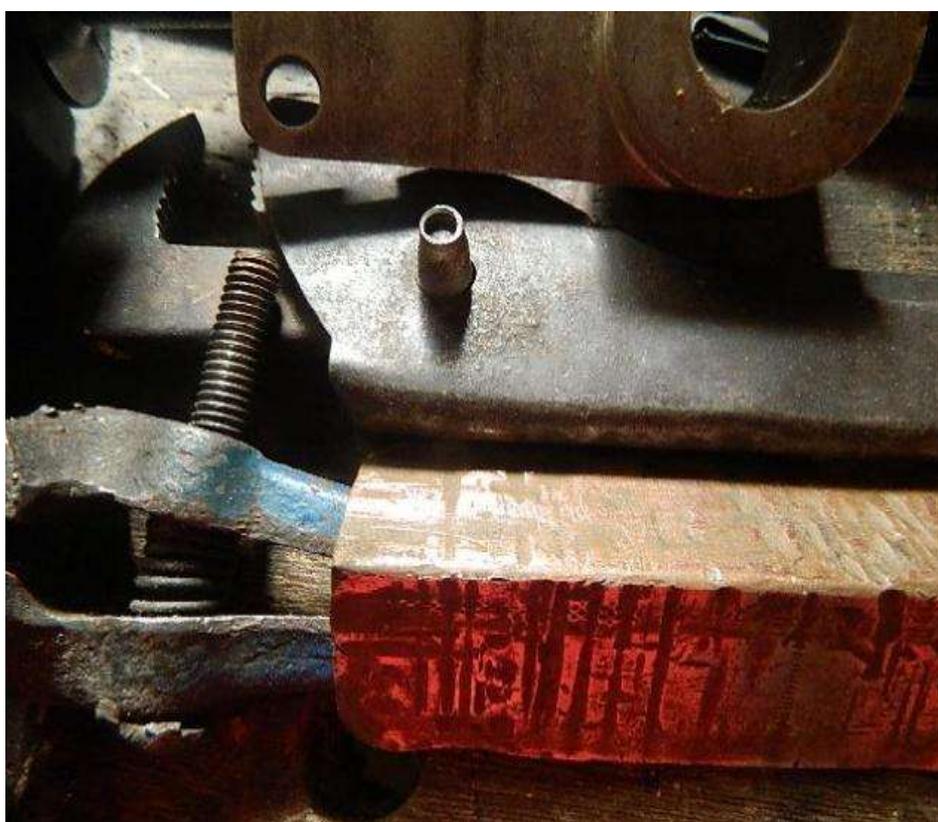


Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Na fotografia, Figura 05, o material descartado é composto por linhas curtas e paralelas que formam uma linha condutiva horizontal, cujo efeito geral resulta num cenário de tom neutro ou escuro e outro mais aberto, marcado pelo vermelho da peça. Com essa composição se consegue dividir o espaço em partes quase iguais,

horizontalmente, tomando como referência os limites da própria moldura, estabelecidos pela fotografia. Esse objeto, transformado pela arte, materializa seu conteúdo de uma maneira específica que só a estética pode traduzir. A obra em processo leva o artista a se confrontar com o objeto real e o pensamento que vê com olhos interiores, de modo que a realidade vista como sucata, objeto sem arte, se desloque para a arte.

Figura 05 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm – Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Dando continuidade à análise do trabalho fotográfico, podemos dizer que a fotografias, Figuras 06 e 07, leva-nos a considerar um equilíbrio estático que infere na utilização de repetição de elementos, ou uma série de dados visuais que modulam o espaço a partir de unidades bastante ímpares, dando à fotografia um ritmo compositivo bem estruturado, forte, absoluto. Percebe-se uma quebra de equilíbrio, evidenciada na irregularidade dos elementos, que permite à visualização de um arranjo bastante provocador aos olhos do espectador, gerada pelo contraste das cores e o enfático desgaste pela ação do tempo. A corrosão do material

metálico, marcado pela ferrugem, contrasta com a forma geométrica perfeita da parte central da peça. A estética evidente da fotografia desmistifica a ideia de que alguns objetos inusitados, sem uma aparência interessante, não tem valor para a arte. Tudo é uma questão de sensibilidade, de olhar diferenciado, ou de ambos? É uma questão de alinhar os sentidos e de ficar atento às possibilidades que a fotografia pode revelar. O corte do material em forma triangular no meio da duas imagem conduz o olhar do espectador à divisão de planos, que evidenciam as diferentes texturas do objeto descartado, conferindo dinamismo à fotografia.

Entre cores e texturas, fotografei ferro e alumínio em processo de degradação aparente, como podemos observar (Figuras 06 e 07).

Figuras 06 e 07 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS.



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

A fotografia, Figura 08, constitui-se de alguns elementos que permitem analisar diferentes planos, formas e objetos, cada um com um volume em sua representação visual. Podemos dizer que os limites entre um elemento retratado e o outro podem dotar o conjunto da imagem com alegóricas significações,

conotando-as, sobretudo, ao materialismo e dinamismo, já que promovem a ideia de movimento. No enquadramento, aparecem formas diferentes e afastadas de geometrias elementares, gerando quase que uma organização geral e de ordem na imagem. Em determinado ponto, a cor intensa em contraste com tons suaves apresenta um efeito mais relevante na significação total da fotografia, se comparados entre si.

Figura 08 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Na fotografia, Figura 09, percebemos como é importante, através do olhar, registrar o estado das coisas do cotidiano, resultando em sensibilidade revestida de traços artísticos e de contemporaneidade, constituindo outra forma do estético e da

arte. A fotografia revela a legitimação da ideia do *pode parecer feio*, transformado em uma beleza que questiona a beleza canônica<sup>8</sup>.

Nota-se um nivelamento em relação ao centro visual perceptivo na imagem, um equilíbrio visual que atenta ao aguçamento na percepção de seu todo. Trata-se de uma imagem arranhada, que não deixa dúvidas a quem observá-la, apesar desse enfoque, encontra-se equilibrada e estável.

Figura 09 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 21x30cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Na fotografia, Figura 10, vemos elementos de cores vibrantes e em decomposição que se encadeiam em simetrias não muito variadas, que formam uma cadencia nos pontos em que se encontram ou convergem. Notamos uma imagem com regularidade em sua composição, proveniente da repetição de

---

<sup>8</sup> Canônico é um adjetivo que caracteriza aquilo que está de acordo com os cânones, com as normas estabelecidas ou convencionadas. Utilizado em artes, gramática, matemática. Umberto Eco trabalha esse aspecto analisando Kant.

unidades que se relacionam. No primeiro plano da fotografia a forma em curva, em azul, contrasta com o tom terra do resto da peça. O material desgastado emite luz, pelo reflexo de alguma luz fora da composição. O fundo preto dá ideia de profundidade, como se os elementos convergissem para um ponto que não vemos.

Figura 10 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 21x30cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

A fotografia, Figura 11, tem no contraste de cores a sua forma particular de estética que, de alguma maneira, abstrai do olhar o material jogado no solo, conferindo-lhe um resultado rico esteticamente, como potência da fotografia. As curvas são interessantes e causam um maior efeito visual, conduzindo os olhos do espectador a um determinado ponto de interesse. As cores podem despertar sensações que ativam diversas percepções. Os efeitos dessas percepções podem ser compreendidos simbolicamente, gerando certa calma e equilíbrio. Dão a

impressão que, a qualquer momento, vão girar e convergir entre si, apesar das notáveis diferenças de formas e texturas.

Figura 11 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

## 2.2 A FOTOGRAFIA E AS QUESTÕES SOCIAIS

Dando seguimento ao projeto de Mestrado, as fotografias feitas a partir de objetos de descarte trazem uma estética particular e instigadora. Podemos dizer que também carregam representação fotográfica do mundo social e político, uma vez que essa modalidade de apresentação visual pode interferir no modo do espectador ver o mundo. Seria pretensão da minha parte, conferir a esse projeto artístico um valor social da arte?

A fotografia faz ver para fazer crer. Para Philippe Dubois (1993), esse meio (médium) mecânico de reprodução da imagem dispõe efetivamente de recursos muito eficazes para produzir todo tipo de crenças sociais. Ele chama a atenção para o fato de que, embora tenhamos consciência de seu *efeito de simulacro*, não conseguimos nos livrar de seus *efeitos do real*.

Na minha pesquisa, fotografar descartes revela o real estado das coisas. A criação de novos conceitos das aparências fotografadas é importante na minha realização artística e uma possibilidade de questionar os problemas da sociedade de consumo atual e o que ela descarta. Essa questão pode ser considerada política, pois questiona tanto a sociedade de consumo, com seus hábitos, como as instituições e governos que não criam programas de conscientização sobre o consumo exagerado e conseqüente descarte sem critério.

Na fotografia, Figura 12, a composição funciona como um conjunto finito de unidades mínimas, desprovidas de significação, ao mesmo tempo articulando divergentes níveis de cores, formando uma combinação harmoniosa. Quase um texto audiovisual, em que se delimita onde termina uma e começa outra convergência de cores. As variáveis são dissociáveis, ao mesmo tempo, remetem ao tempo, como um moinho, que opera sua habitualidade no espaço equivocado provocado pelo desgaste do material.

Figura 12 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS

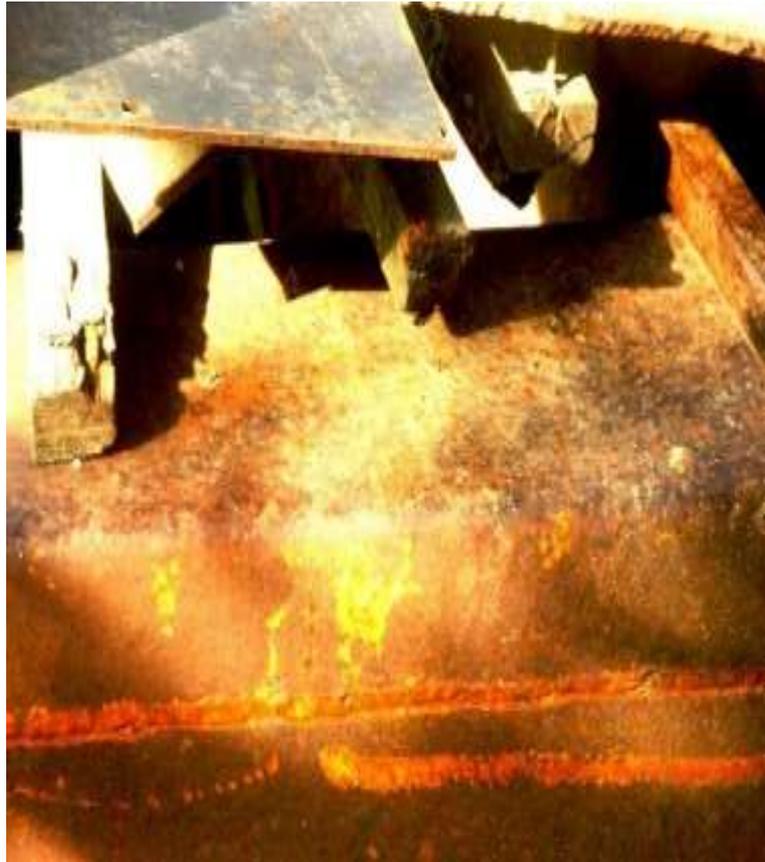


Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Na fotografia, Figura 13, percebemos a irregularidade visível de sua composição, sem uniformidade dos elementos em evidente degradação corrosiva,

denunciada pela cor e aparência. Sua fragmentação igualmente sugere o que já deve ter feito parte de mais de uma totalidade. Uma forma geométrica de triângulo na parte superior da imagem lembra um degrau, sugerindo movimento.

Figura 13 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 21x30cm- Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

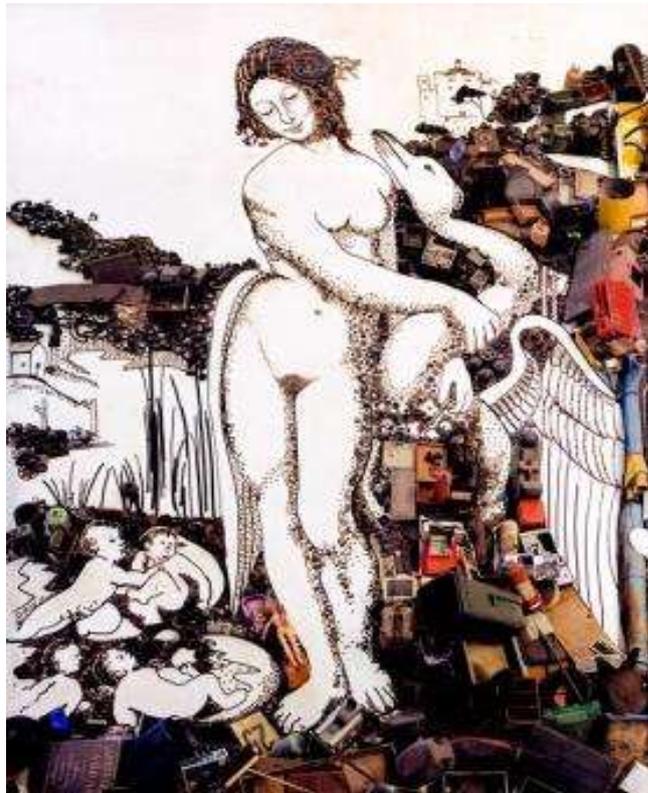
O meu fazer artístico, fundado na estética do lixo, encontra ressonância em alguns trabalhos da obra de Vik Muniz<sup>9</sup>, pela questão da utilização do artista de materiais de descarte. A utilização de matérias diversas encontradas no lixão, de alguma maneira, evita que o solo seja afetado, pela degradação desse lixo, se exposto diretamente. Vejo o trabalho de Muniz como uma possibilidade de tornar visíveis temas como o descarte, através da arte, visto que esta possui força de comunicação necessária, capaz de incitar uma transformação pelo sensível.

---

<sup>9</sup> Vik Muniz, nome artístico de Vicente José de Oliveira Muniz, é um artista plástico brasileiro radicado nos Estados Unidos. Faz experimentos com novas mídias e materiais. Produz obras voltadas para a sustentabilidade. Além da pintura, ele trabalha com a produção de esculturas e fotografia.

Na Figura 14, vemos a imagem de uma obra de Da Vinci, emoldurada por sobras do material de descartes. Muniz projeta a imagem da obra referência e interfere com o material descartado. Segundo publicação no site do artista, o valor arrecadado pela venda das fotografias é revertido em ações que beneficiam os coletores do lixão do Rio de Janeiro.

Figura 14 – Da tela *Leda e o Cisne*, de Leonardo Da Vinci, (2009) – Fotografia de projeção 130,2x101,6cm - Foto Vik Muniz



Fonte: (ITAÚ CULTURAL, 2017).

Muniz utiliza o lixo como matéria prima para realizar alguns de seus trabalhos. Suas obras transformam-se num híbrido de fotografia e outros segmentos das artes visuais, através dos quais o lixo deixa de ser o que é, pois na intenção do artista ele ganha um novo destino, a arte, certificada com conceitos próprios dessa especificidade. Vistos de certa distância, os trabalhos assemelham-se a uma imagem fotográfica objetiva de uma realidade vista. Observando mais de perto, são revelados os pormenores dos materiais triviais que compõem as fotos, como chocolate, poeira, brinquedos, sucata. Esse efeito de percepção é possibilitado pela

fotografia e pela memória que possuímos da imagem vista em suas obras. (MUNIZ, 2019).

Na Figura 15, imagem da atriz brasileira Cristiane Machado, transformada na obra de arte *Melancolia* por Vik Muniz, faz parte de museus internacionais. O fato de seu retrato estar envolto por sucatas, revela um novo olhar mais sensível e instiga o pensamento sobre o hábito de descarte comum em todos nós.

Figura 15 – Vik Muniz - *Melancolia*, (2009) - Imagem de atriz, projetada no chão com intervenção de peças de lixo, 768x512cm - Foto Vik Muniz



Fonte: (ITAÚ CULTURAL, 2009).

Em *O Depois*, criado em 1998, o artista Muniz apresenta fotografias de crianças que são moradoras das ruas de São Paulo, SP, Brasil, com o objetivo de mostrar a dura realidade das ruas e os problemas que representam para essas crianças, fragilizadas pela situação de pobreza em que vivem. Fotografá-las contribui para despertar pensamentos em todos nós, para que a realidade das mesmas seja vista com sensibilidade e fraternidade.

Muniz mostrou-lhes um livro de arte e pediu que cada uma escolhesse uma pose para imitar. A partir disso, fez as fotos e as utilizou como base para as imagens feitas com lixo colorido jogado nas ruas durante o Carnaval, na cidade de São Paulo.

No processo de realização a fotografia é redesenhada pelo artista com o lixo do carnaval (pontas de cigarro, confetes, serpentinas amassadas, tampinhas de cerveja, vidros quebrados, pedaços de madeira, envolvidos em terra e cascalho) e novamente fotografada. Esse trabalho ressignifica o material descartado num ato que chama a atenção, contribui e inova por ação artística que envolve a comunidade de catadores desse ambiente insalubre. Ele revela, nesse trabalho, o poder da arte.

A imagem resultante – Sócrates, Figura 16, faz parte de uma série de fotografias expostas na 24ª Bienal Internacional de São Paulo que apresenta figuras de meninos de rua fotografados em seu ambiente, tendo como tema central sua condição de vida.

Figura 16 – Vik Muniz - *Sócrates*, (1998) - Fotografia 183 x 122 cm. – Foto Vik Muniz, 1998



Fonte: (ITAÚ CULTURAL, 2018).

Em 2010, foi realizado um documentário intitulado “Lixo Extraordinário”, sobre o trabalho de Vik Muniz, com catadores de Duque de Caxias, cidade localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro. A filmagem recebeu um

prêmio no festival de Berlim na categoria Anistia Internacional e no Festival de Sundance. A visibilidade midiática conferida a partir desse prêmio, ao trabalho de Muniz, repercute em ações e visibilidade que melhoram as condições de vida dos catadores que dependem daquele lixão para seu sustento. Observando a obra de Muniz, posso inferir que os arranjos do artista apresentam uma contribuição social ao chamar a atenção para o ambiente e, por outro lado, a visibilidade conferida às comunidades de catadores de lixo, que muitas vezes são desprezadas pela sociedade. Anônimos perambulam pelas cidades puxando carrinhos, não são reconhecidos muito menos valorizados, mas desempenham, com seu trabalho, importante papel em defesa do meio ambiente.

A realização fotográfica do artista, comporta formas construtivas decorrentes de indagações sobre o real, ou melhor, sobre a realidade desse real, onde a pobreza extrema entra no embate de uma sobrevivência através daquilo que lhe sobrou, o lixo. (Figura 17)

Figura 17 – Vik Muniz - *Projeto Lixo Extraordinário*, (2010) – Foto Vik Muniz, 2010



Fonte: (ITAÚ CULTURAL, 2018).

A obra de Muniz permite uma constante discussão a respeito da ontologia fotográfica: nossa “consciência óptica”<sup>10</sup> é testada o tempo todo. Desde o princípio, a fotografia é caracterizada como um meio de produzir imagens baseadas na realidade, e, no caso da minha pesquisa, uma dura realidade. As imagens fotográficas criadas pelo artista Muniz refletem sobre as formas construtivas e decorrentes indagações sobre a realidade do lixão fotografado. Realidade transformada numa visibilidade ampliada para o grande público, muitas vezes, alheios ao que descartam e às pessoas que se confundem com ele. A realidade do lixão se transforma em visibilidade sociopolítica, que a arte tem o poder de revelar.

Sem a pretensão de ser comparada ao trabalho de Muniz, minha pesquisa, de certa forma, aproxima-se da intenção desse artista ao propor a ressignificação do olhar pela fotografia nesta pesquisa. Enquanto Muniz faz fotografias a partir de composições figurativas, meu trabalho em fotografia, em algumas situações, revela uma certa abstração, em função de uma escolha pessoal, no processo de apreensão da realidade, que sabemos é semelhante, porém diferente da que a fotografia revela.

O que pode ser considerado uma proximidade de minha poética com Muniz é devido à ação sensível que ambos comportam na utilização dos objetos extraídos do lixo. No entanto, eles se distanciam devido a forma de fazer: no meu trabalho utilizo os objetos descartados no meio ambiente para uma realização fotográfica, enquanto Muniz apropria-se de imagens da história da arte para compor sua obra, com materiais de descarte. Vale observar que o termo apropriação é empregado pela história e pela crítica da arte para indicar a utilização de ideias, imagens e objetos pré-existentes como matéria prima para seu trabalho.

Meu trabalho não alcança esse nível, mas pretendo chamar a atenção para os dejetos, frutos do pós-consumo, jogados displicentemente na natureza. A fotografia certamente será uma forma adequada, pela visibilidade, de tratar tão importante tema que é o descarte.

---

<sup>10</sup> “Um ser humano é parte do todo, chamado por nós de 'universo', uma parte limitada no tempo e no espaço. Ele experimenta a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos, como algo separado do resto - uma espécie de ilusão ótica de consciência. Essa ilusão é uma espécie de prisão para nós, restringindo-nos a nossos desejos pessoais e ao afeto por algumas pessoas mais próximas a nós. Nossa tarefa deve ser libertar-nos dessa prisão ampliando nosso círculo de compaixão para abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza em sua beleza” Albert Einstein.

### 2.3 A FOTOGRAFIA E O MEIO AMBIENTE

O interesse central desta pesquisa é transformar material descartado em matéria conceituada pela arte, de modo que os elementos visuais constituam uma efetiva contribuição para as questões que envolvem o meio ambiente. O foco é a natureza contaminada por materiais, particularmente, os provenientes do descarte de máquinas e outros objetos metálicos, descartados sem critério, que podem danificar o meio, pela contaminação com metais diretamente no solo.

Walter Benjamin (1994) mostra o quanto a estética é capaz de modificar a sociedade e a importância da fotografia, como imagem da reprodução e da comunicação, pela força visível do que ela mostra. Ele acredita que seria impossível pensarmos em experiência estética sem a mediação dos dispositivos tecnológicos. A criação artística é mediada de forma mais intensa pelos aparelhos pós-industriais. A fotografia, Figura 18, toma conta da cena, com um enquadramento centralizado, em três ou mais níveis, o verde das árvores ao fundo contrasta com o tom da ferrugem da máquina exposta, imprimindo à fotografia certa harmonia, em relação aos elementos metálicos corroídos pelo tempo.

Figura 18 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Poeticamente interessante, mas, sem dúvida causadora de danos ao solo, pois os resíduos das máquinas provocados pelos efeitos da chuva e do sol são depositados diretamente na natureza, provocando sua devastação. No entanto, é dessa matéria poluidora que a fotografia revela minha tentativa de elaborar ações que possam incentivar a observação do entorno por cada indivíduo, susceptível de preservar a partir da sensibilização artística. Retrata igualmente a impropriedade que preocupa a essência natural das coisas, em uma cena quase cotidiana.

Na fotografia, Figura 19, pedaços da carroceria de uma camionete, sobras de ferro, carcaça de eletroeletrônicos depositados em um terreno sem cobertura, constituem um documento de revelação, de constatação que a arte da fotografia revela. A cor da terra crua em contraste com o verde dos arbustos ao fundo, mediados por materiais em diversos tons, conferem volume à fotografia. O branco de alguns objetos descartados destaca-se em meio aos objetos em cores neutras da cena. O tom azul turquesa do céu azul delimita o primeiro nível da fotografia, conferindo-lhe distância.

Figura 19 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Na fotografia, Figura 20, os variados elementos visuais que nela constam têm um peso variável no espaço de sua (de)composição, apresentando determinada distribuição de pesos visuais. Se nos afastarmos da imagem e olharmos o todo, despidos de qualquer juízo de valor estético<sup>11</sup>, percebemos muitos materiais em cores harmoniosas. Quem sabe prontas para um recomeço?

Figura 20 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

No plano superior, fotografia Figura 21, a névoa de um dia sem sol. Choque visual e senso de que a imagem é interminável, em cena que pode ser considerada muito forte no que se refere ao descarte. É possível inferir um certo contraste de luz e sombra propiciada pelo acúmulo de resíduos, sendo fundamental constatar que, nessa imagem, é possível uma visão globalizante dos elementos que a compõem.

---

<sup>11</sup> Sem embarcar em disputas de valor, procura-se pensar a arte como um *factum* objetual-conceitual que molda comunidades mediante o reforço de padrões judicativos (**conceituoso, dogmático**) que determinam padrões de comportamento relativamente definidos; in Teoria da Literatura e Juízo de Valor Estético (Pedro Dolabela Chagas)

Reflexos do descarte sobre o solo proporcionam a ausência de brilho e vitalidade no local, ecoando uma espécie de convergência entre natureza e descarte.

Figura 21 – Jane Zofoli – S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Na contemporaneidade, exemplificando o resultado de trabalhos voltados ao meio ambiente, o fotógrafo Daniel Beltrá<sup>12</sup> veio ao Brasil para retratar a Costa do Amapá, para a campanha Defenda os Corais da Amazônia. O fotógrafo tem longa parceria com o movimento Greenpeace<sup>13</sup> e registrou a natureza exuberante do estado do Amapá, que tem sua preservação comprometida pela iminência do petróleo em sua costa. A exploração de petróleo no Amapá oferece riscos não apenas aos recifes de corais na região da foz do Rio Amazonas, como às populações tradicionais de cidades litorâneas e de ecossistemas sensíveis, como os mangues, que dependem do mar e das marés para existir. A campanha Defenda os Corais da Amazônia quer evitar que empresas explorem petróleo em uma região

---

<sup>12</sup> Daniel Beltrá é um fotógrafo e artista, nascido em Madrid, Espanha, que trabalha sobre o impacto humano no meio ambiente. O foco do trabalho recente de Beltrá tem sido a fotografia aérea de belas paisagens e questões ambientais.

<sup>13</sup> Greenpeace é uma organização não governamental com sede em Amsterdam, nos Países Baixos, e com escritórios espalhados em mais de 41 países. Atua internacionalmente em questões relacionadas à preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável.

oceânica na foz do Rio Amazonas, numa tentativa de evitar a extinção desse bem natural.

Na Figura 22, observamos a fotografia de uma barragem que inunda uma floresta no Amapá, destruindo centenas de quilômetros de floresta, em áreas próximas à foz do Rio Amazonas e do Rio Araguari.

Figura 22 – Daniel Beltrá - Fotografia de barragem no Amapá (2015) – Foto: Beltrá



Fonte: (GREENPEACE, 2018).

Questionado sobre o papel da fotografia na discussão dos problemas de meio ambiente, em entrevista, Beltrá, (2017) responde:

Primeiro, porque com a fotografia você converte as pessoas em testemunhas de coisas que são muito difíceis de imaginar. Se você fala de desmatamento da Amazônia algumas pessoas terão dificuldade de compreender o tamanho do problema, mas se você vê as fotos aéreas, é muito impressionante. Não tem como ficar insensível a isso. Segundo, porque com a fotografia consigo ajudar a traduzir um pouco da ciência para o grande público. Quando você fala de aquecimento global, há coisas que são difíceis de entender, mas através da fotografia podemos contar essa história. (Beltrá, Daniel em entrevista à Rosana Villar do Greenpeace em 20 de fevereiro de 2017).

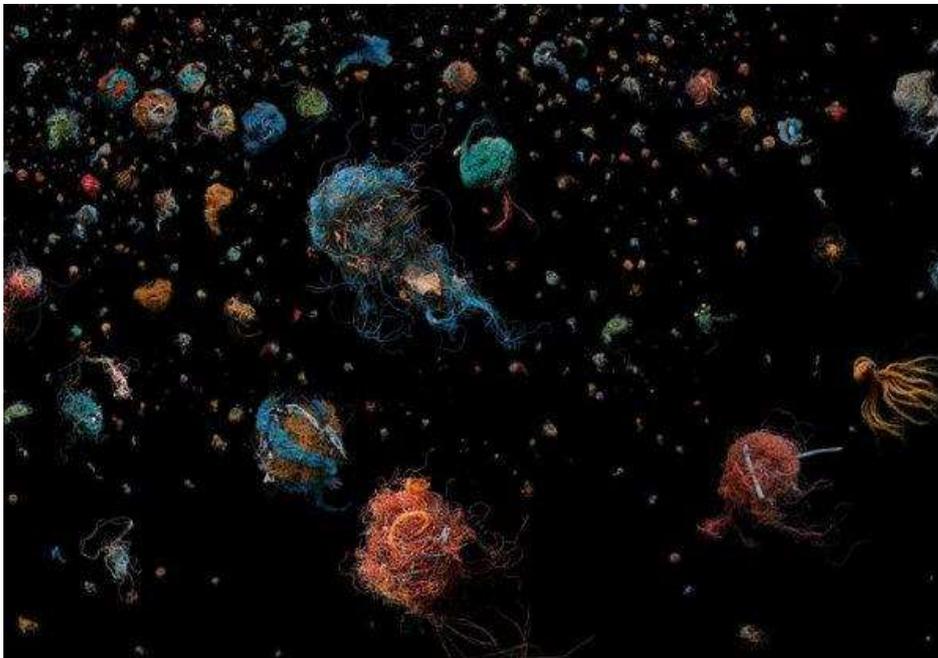
Vemos com Beltrá o lugar que ocupa a fotografia nos trabalhos de uma política voltada para o meio ambiente; sua potência visível informa e sensibiliza

sobre as questões, muitas vezes, de difícil compreensão, como é o caso dos efeitos negativos do descarte irresponsável.

A artista fotógrafa britânica Mandy Barker<sup>14</sup> tem como objeto de suas fotografias os restos de plástico no mar. A intenção de Barker é mostrar como o nosso lixo está poluindo os oceanos de todo o planeta.

Para ela, Figura 23, “a imagem parece de outro planeta, mas não é” (site artista). São redes de pescaria, sacolas plásticas e garrafas PET, ameaçando a vida de inúmeros animais marinhos. Em seu site, a artista diz que pretendeu mostrar o drama da Grande Mancha de Lixo do Pacífico, uma região no norte desse oceano, para onde as correntes marinhas levam toneladas de detritos. Suas obras, denominadas Sopa, em referência aos conhecidos restos de plástico que permanecem boiando no mar, o meio de denunciar o estado de depredação das águas oceânicas e, conseqüentemente, da vida desse eco sistema.

Figura 23 – Mandy Barker - *Fotografia Sopa*, (2012) – Foto: National Geographic, (2015)



Fonte: (REDAÇÃO REVISTA GALILEU, 2015).

---

<sup>14</sup> Mandy Barker é uma fotógrafa reconhecida mundialmente cujo trabalho foi amplamente premiado. Na última década, o seu trabalho envolvendo detritos plásticos marinhos recebeu reconhecimento global.

Constato, nesta pesquisa, que as questões ambientais, há muito tempo, habitam os objetos da arte e mostram a pertinência de uma pesquisa implicada com os problemas socioambientais. Em 1816, o pintor francês, Félix-Émile Taunay<sup>15</sup> chega ao Rio de Janeiro, acompanhando seu pai, o pintor Nicolas-Antoine Taunay, do Instituto de França, integrante da Missão Artística Francesa. Em 1821, começa seus desenhos e aquarelas, baseados no panorama da cidade do Rio. Em 1830, pinta a tela “Mata Reduzida a Carvão”, que também pode ser encontrada com o título “Floresta Reduzida a Carvão”. (Figura 24). Na obra ele pinta árvores derrubadas na floresta. Como podemos constatar, mesmo que os problemas dessa ordem já existissem, o mundo seguiu seu curso sem maiores preocupações com o assunto controverso.

Figura 24 – Félix Émile Taunay – *Floresta Reduzida a Carvão*, (1830) - Óleo sobre tela– 135cmx195cm - Foto: Walter Morgenthaler, 2017



Fonte: (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2012).

Apesar do enfoque por artistas desse período, a arte com foco no meio ambiente abrange uma perspectiva histórica da natureza vista, na maioria das

---

<sup>15</sup> Félix-Émile Taunay, (Montmorency, França 1795 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1881). Pintor, professor, escritor, poeta e tradutor. Por volta de 1821, faz desenhos e aquarelas que constituem o primeiro Panorama do Rio de Janeiro. Sucede ao pai na cadeira de pintura de paisagem da Academia Imperial de Belas Artes - Aiba. Em 1834, após a morte do português Henrique José da Silva (1772 - 1834), diretor da Aiba, assume seu posto e é responsável pelo início da consolidação do ensino artístico no Brasil.

vezes, como tema da pintura, por exemplo, junto a outra perspectiva, mais contemporânea, ligada à ética e ao ativismo ecológico.

Pode-se dizer que esse novo pensar artístico surgiu no final dos anos 60 do século XX e, ao contrário dos períodos anteriores da história, não se limita à representação de uma paisagem ou em incluir o meio ambiente em suas criações. Ao contrário, o meio ambiente pode ser a própria obra, com intenção de conscientizar sobre os danos que o homem causa ao planeta.

Chamar atenção sobre poluição do ar e dos oceanos, o aquecimento global, o desmatamento ou as consequências do consumo dos bens naturais são algumas das ações que a arte contemporânea revela, através da fotografia, da pintura, da escultura, entre outras linguagens artísticas.

Não seria o momento de, através da visibilidade evidenciada pela fotografia, mostrarmos que reciclar olhares significa propor ações em projetos mais sustentáveis que não agredam a natureza? Como fazer barragens, utilizando processos que, além de preservar o meio ambiente como um todo, melhorem a distribuição da água, gerando riquezas, sem agressão ao solo? Parafraseando Rubem Alves<sup>16</sup>, em uma de suas notáveis crônicas, ver, “talvez seja muito mais complicado, considerando que os olhos, dentre todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica, e que sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica”, ou seja, o objeto do lado de fora sempre aparece refletido do lado de dentro, todavia, existe algo na visão que não pertence à física. Acredito ser essa a consciência da necessidade de reciclar que todos devemos adotar como premissa iminente em nosso cotidiano.

Nesse sentido penso que meu trabalho pode ter uma proximidade com o trabalho de Beltrá e Barker, na questão da devastação da natureza, trabalhada do ponto de vista da arte, confirmando seu papel na pesquisa contemporânea, tanto no campo da arte como no contexto de ações sustentáveis. Ambos abordam temas relacionados ao descaso com o meio ambiente. Esses fotógrafos focam os rios e mares como depósito de lixo, outra forma real de poluição do planeta. Ainda que minha proposta se distancie pelo enfoque do material descartado, as razões

---

<sup>16</sup> Pedagogo, poeta, cronista, contador de histórias, ensaísta, teólogo, acadêmico e psicanalista, Rubem Alves, falecido em julho de 2014, deixou como autor um extenso legado literário. Era membro da Academia Brasileira de Letras, professor emérito da Unicamp e cidadão honorário de Campinas. Seu livro *Ostra feliz não faz pérola*, também publicado pela Planeta, conquistou o 2º lugar na categoria contos e crônicas no Jabuti 2009.

fundadoras de tais trabalhos encontram-se, pois penso que têm um objetivo comum que é tornar visível uma situação insustentável, como tentativa de sensibilização e conscientização de um problema que afeta a humanidade como um todo.

## 2.4 A SUCATA EM FOCO

Podemos dizer que a arte torna visível a simplicidade? Se pensarmos que nas coisas simples e banais se encontram, muitas vezes, o sentido profundo e verdadeiro da emoção estética, a resposta positiva a esta questão parece ser verdadeira. Colocar a sucata em foco através da fotografia é o caminho que escolhi para realizar esta experiência poética, enriquecendo as questões levantadas com o conhecimento de artistas, bem como aqueles que estudam os problemas do meio ambiente, tão afetado pelo descarte inconsciente.

Dar visibilidade ao que parece insignificante nessa reciclagem, a partir da arte, e criar novos conceitos das aparências fotografadas, no intuito de comunicar, pela ação poética, problemas como o descarte, faz desta pesquisa um ato que rompe as fronteiras do descaso das instituições, do poder público que deveria criar políticas de desenvolvimento sustentável, numa tentativa de dar resposta pelo sensível, quando os poderes públicos falham. Isso só é viável porque para a arte nada, ou quase nada é impossível.

A estética é a percepção, o sentir a partir de imagens captadas de maneira aleatória, ou não, entrecruzando problemas próprios da sociedade de consumo atual, a partir de questionamentos sensíveis da criação artística. A arte se inscreve assim onde se formam os modos de perceber, os afetos e as formas de interpretação que definem um paradigma artístico. Então, tentar mudar e ampliar esse olhar é, para o pesquisador em arte, a ocasião de confrontar e de confrontar-se com o problema de sua pesquisa, buscando, através da transformação operada, fazer dos materiais sucateados uma matéria fotográfica significativa.

A fotografias, Figuras 25 e 26, apontam a expressão de algo que já foi dinâmico e que representa a baixa de qualquer elemento que ainda remeta a esse fator, o qual, descartados indevidamente, gera certa tensão, considerando que um círculo é menos dinâmico em relação a outras formas regulares. Tudo que a fotografia revela, de uma maneira ou de outra, instiga diferentes olhares e possíveis ações sobre o universo no qual estamos inseridos. A fotografia, nesse caso, como

imagem materializada do descarte de sucatas abordadas pelo olhar do artista, cria condições possíveis de questionamentos significativos, a partir da realidade que ela revela; o que ela revela ultrapassa as bordas da imagem.

Figuras 25 e 26 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm Santa Maria



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Se observarmos as duas imagens, sensibilizadas pelo olhar do fotógrafo, percebemos elementos naturais emergindo do objeto de metal descartado, destacando cores da vegetação em contraste com os matizes do metal em degradação. Obra onde o visível e o invisível tecem um diálogo capaz de despertar os olhares adormecidos pelo apressamento do mundo contemporâneo.

Nas fotografias, Figuras 27 e 28, observamos diversos materiais metálicos, em composições que variam do figurativo ao abstrato. Na primeira as formas cilíndricas impõem movimento à cena, emoldurada pela vegetação em diferentes tons de verde. Os postes de madeira dividem o espaço compositivo dando pesos iguais ao recorte da paisagem que a fotografia revela. Impávidos, os tonéis atraem a formação de outras ilhas de lixo; a ruína do verde insistente ao redor, são os palácios de muitos males, mosquitos e doenças. A segunda, figura 28 aponta à necessidade de ampliar os debates para questões mais abrangentes da natureza e dos cuidados necessários, enfatizando um processo de sensibilização, que dirige a vida por caminhos mais sensíveis. O material rejeitado está em total desordem e, certamente, o estrago causado ao solo que o recebe é imenso. Acredito ser esse o

papel da fotografia: fazer ver, surpreender e mostrar outros caminhos de uma realidade transbordada pelo excesso de sucatas transformado em formas estéticas que a arte possibilita. É preciso uma reflexão, diante dessa ilha de descarte, confundida à sobrevivência do verde. Quanto tempo para se decompor?

Figuras 27 e 28 – Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm Santa Maria



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

Ao fotografar descartes, supostamente sem nenhum valor estético, busquei referências para minha escolha na proposta inovadora, para sua época, do artista Marcel Duchamp<sup>17</sup> que, no início do século XX, rompendo com parâmetros da produção artística da época, ou, o que era entendido como tal, propôs utilizar um urinol como objeto de arte, numa obra intitulada por ele como “A fonte”. Ao romper parâmetros, a arte passou a ser entendida como conceito de sua produção.

Sem a intenção de comparar-me a esse artista e a outros artistas que exemplificam o trabalho em arte, procuro também inovar e pensar no contexto da arte, a partir de fotografias de sucatas. Entre tensão, erros e acertos próprios do processo poético, espero que esse fazer artístico contribua para a construção de outros trabalhos.

. Meu trabalho de pesquisa busca interrogar como transformar esse material inservível para alguns, em projeto de arte, propondo reflexões sobre o descarte

<sup>17</sup> Marcel Duchamp foi um pintor, escultor e poeta francês, cidadão dos Estados Unidos a partir de 1955, e inventor dos ready made

irresponsável de modo a provocar a reação do público. Transformar esses materiais em arte parece relevante para uma ressignificação do banal, transformando-os em objetos de interesse estético.

Acredito ser a fotografia uma forma adequada para operar uma modificação no cotidiano do descarte, transformando objetos inservíveis em materiais revisitados pela arte, como forma de sensibilizar e emocionar.

No momento atual, o lixo urbano tem crescido de forma exponencial, seja pelo consumo exagerado, seja pelo uso de materiais não recicláveis. Esse lixo é o mais difícil de controlar, pois seu descarte é feito por anônimos:

O problema do lixo reside em dois aspectos, essencialmente. Um diz respeito à enorme e crescente quantidade de não recicláveis, aos quais tem que ser dada uma destinação final. Esta destinação requer o descarte em depósitos (áreas de aterramento) ou a incineração. Outro aspecto do problema refere-se ao lixo reciclável, o qual se defronta com a barreira imposta pelos limites inertes à reciclagem de materiais. (MONTIBELLER-FILHO, 2001, p. 215).

A citação de Montibeller-Filho aponta diretrizes que poderiam solucionar, pelo menos em parte, o problema causado pelo lixo e descartes. No entanto, a experiência nos mostra que ainda resta muito a ser feito. O que faz o poder público para melhorar as condições que corroboram com a precariedade de descarte inadequadamente feito? Como educar e conscientizar uma população que consome e descarta continuamente, visto que os objetos da sociedade de consumo têm vida curta visto a obsolescência programada?

Sabemos que, cada vez mais, equipamentos eletroeletrônicos fazem parte da rotina de trabalho e de lazer das pessoas, no mundo inteiro. No entanto, esses materiais passaram a ser preocupação constante, pelo volume de descarte gerado pela obsolescência, ou simplesmente pela troca por equipamentos mais novos, instigados por uma indústria que produz muito.

As fotografias, figuras 29 e 30, mostram uma quantidade de objetos que, obsoletos, são descartados, sem preocupação com os prejuízos que causarão ao meio ambiente. Os objetos dispostos empilhados dão volume escultórico à cena. Podemos inferir igualmente nesse enquadramento uma espécie de limite entre a ação do homem com a natureza à frente, notadamente passível diante do resultado de tal ação. As imagens, uma com foco mais abrangente, revela quase uma ação antropocêntrica que é geral, rodeada de inconsciência coletiva, mediante descartes

inadequados, interferindo visivelmente sobre a terra e o verde, comprovando o lugar e a forma inadequada de se desfazer de objetos obsoletos, e um nível de extrema indiferença aos problemas ambientais com o que agora é lixo pode gerar. A outra, focada mais próxima, mostra os computadores em total decadência, lembrando que o que ontem parecia muito bom, hoje foi repostado por outros mais completos. Como resistir a esse apelo de consumo, que acaba na natureza?

Figura 29 e 30 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Apesar de uma crescente preocupação com os resíduos sólidos de eletroeletrônicos descartados diretamente na natureza e suas consequências, vejo a necessidade de confrontar esse preocupante problema tão próximo de todos em Santa Maria. As fotografias revelam o destino de aparelhos eletroeletrônico em nossa comunidade, cujo objetivo é o de sensibilizar, de educar, mas essencialmente de alertar pela necessidade de ações de reciclagem adequadas.

A consciência de que podemos fazer melhor em prol da sustentabilidade do meio ambiente em nossa localidade reforça o interesse desta pesquisa em arte: ela que busca, através da visibilidade das fotos, o que muitas vezes descartamos, como se esse ato fosse invisível, provavelmente pela inconsciência dos prejuízos causados. Os locais de sucatas estão abarrotados de materiais descartados, processo que já está sendo revertido nos países europeus, onde os aparelhos que antes eram descartados, hoje são consertados, em resposta a uma política de

sustentabilidade. Sabemos que atualmente muitos países não mais produzem esse tipo de lixo, por ter implementado uma política de responsabilização das indústrias, relativa ao retorno do material produzido para reciclagem organizada. Trata-se de uma prática que requer ações de prevenção condizentes com o avanço tecnológico que proporcionam, como a facilidade de comunicação, o acesso à informação que, nos dias atuais, torna-se fundamental para viabilizar qualquer projeto, em qualquer área. Infelizmente, no Brasil ainda não chegamos num nível igualitário de consciência pelos órgãos competentes, no que diz respeito ao sistema reverso – que é o retorno do bem inservível à origem, para reciclá-los.

Na França, a eco-participação ou eco-contribuição (cerca de cinquenta e dois centavos euros), tem um "custo" adicionado ao preço de venda de equipamentos elétricos ou eletrônicos vendidos no país. A eco-participação<sup>18</sup> não é um imposto, representa o custo da recolha e tratamento de resíduos elétricos e eletrônicos e é inteiramente doado às organizações que lidam com este circuito. No Brasil, país que lidera o comércio eletrônico na América Latina, a eco-participação parece ainda não ser a realidade de uma política de reciclagem organizada dos aparelhos vendidos.

No Brasil, apesar da reciclagem ainda ser muito aquém do ideal, segundo Marta Tochetto, em entrevista realizada por esta pesquisadora, podendo ser acessada em apêndice neste estudo, temos uma experiência que pode servir de modelo para outros países. De acordo com André Vilhena, diretor do CEMPRE<sup>19</sup>:  
Compromisso Empresarial para Reciclagem

Nossa experiência continua atraindo a atenção de representantes de diversos países e de empresas multinacionais, interessados principalmente pelo conceito de responsabilidade compartilhada. A ideia de integrar o governo, a sociedade civil e as empresas na busca de soluções comuns para a correta destinação de embalagens e produtos pós-consumo já vem sendo adaptada, com sucesso, em outros países.

O sistema brasileiro é baseado no tripé da sustentabilidade e busca a inclusão social, com incentivo a formalizar serviço de catadores, cooperativas. Também, segundo Vilhena, a experiência brasileira já mereceu o reconhecimento

---

<sup>18</sup> Fonte Professora Doutora Raquel Fonseca-UFSM.

<sup>19</sup> CEMPRE O (Cempre) é uma associação sem fins lucrativos dedicada à promoção da reciclagem dentro do conceito de gerenciamento integrado do lixo. (Fonte CEMPRE disponível em [www.cempre.org.br](http://www.cempre.org.br)).

da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da Assembleia Geral da ONU e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), além de estar totalmente alinhada com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovados, por unanimidade pelos Estados membros da ONU com uma nova agenda global para os próximos quinze anos (CEMPRE, 2019).

Acredito que para o desenvolvimento da reciclagem no Brasil, é necessário o engajamento da sociedade, pressionando Estado e empresas privadas a assumirem compromisso com essa questão tão importante. Dessa forma é possível construir um país consciente de sua responsabilidade com o meio ambiente.

Esta pesquisa poética centrada no descarte busca, através da fotografia, despertar um modo de enxergar no ato de descartar uma possibilidade de revitalizar, construir e, por que não, recriar, dando um novo destino aos objetos descartados e, em consequência, uma maior consciência deste fazer como ato sustentável. A fotografia como instrumento sensibilizador de modificação de hábitos em relação ao meio ambiente recicla e mostra caminhos de transformação possível. Entendo ser viável fotografar e fazer das imagens resultantes um gesto provocador e de questionamentos a respeito do cuidado com o meio ambiente no qual estamos inseridos.

Ao focar materiais de descarte e colocá-los em destaque, nesta pesquisa poética, pretendo problematizar as questões relativas ao consumo e descarte irresponsáveis, através da visibilidade que será conferida aos referidos materiais, pela fotografia. Para isso, busco nos locais visitados elementos que mostrem ostensivamente como são descartados os objetos, e faço inúmeras fotografias; a seguir as seleciono e imprimo as que considero mais potentes visualmente. A ideia é expor as mesmas, com o objetivo de sensibilizar pessoas.

Se para a arte nada é impossível e que artistas como Vik Muniz, Pinsky, Ramos e outros nos mostram do que ela é capaz, podemos considerar sua capacidade de transformar e indicar pistas que vão para além da própria esfera. Como a busca de uma visibilidade estética do descarte que vejo é meu objetivo, tais materiais deixam de ser somente restos do que já foram, através da experiência artística vivida. Vejo-os como elementos aptos, para um recomeçar, pois são muitas possibilidades e potencial que muitos resíduos têm, quando manejados e reciclados de forma correta, inclusive é uma forma de não esgotar reservas naturais.

Já ouvi de algumas pessoas que acreditam que a arte não serve para nada, mas reitero que tudo serve para a arte; assim, esses materiais inservíveis para tantos são matéria preciosa para meu fazer artístico. Eles contribuem com o pensamento nele gerado; a instauração da obra neste contexto busca, através de imagens cujas nuances de cores, gradações, tonalidades, matizes, dégradés estimulam meu desejo de criação, fazendo do que parece inútil, como é o caso dos objetos rejeitados aqui e ali, um meio de educar pelo conteúdo estético sensível das fotografias. A fotografia não revela como se esse fosse o seu destino final, mas o início de novos destinos que a reciclagem consciente promete.

Não estaria nos tons e meios-tons provenientes das matérias degradadas, nos elementos ricos em cores, formas, texturas como especificidade estética da visibilidade fotográfica, a matéria potencialmente interessantes para interrogar e sensibilizar uma questão tão espinhosa que o lixo comporta e a necessidade de um descarte que minimize os problemas recorrentes nas sociedades industrializadas?

Este trabalho nos leva a pensar com Adorno<sup>20</sup>, que, embora tenha sua formação no período moderno, já falava na procura por novos elementos materiais para o fazer artístico, que se tornou essencial dentro da arte contemporânea. Ele acreditava que, por meio dos elementos que compõem a obra de arte, é possível identificar características do momento social em que a obra foi pensada. Desc-Arte provoca a pensar nosso momento social pelo viés do descarte como matéria desta pesquisa poética, acreditando na contribuição possível com a pesquisa em Arte e, conseqüentemente, com as ações empenhadas pelas associações atuantes na comunidade santa-mariense.

Assim, reportando-me às palavras de Adorno, em Verlaine Freitas (2008, p.41), no meu trabalho, a contemporaneidade do tema é o que me leva a certificar a importância desta experiência poética que transforma a matéria antipoética que é o lixo, em objeto da minha experiência artística. Este trabalho nos mostra que o desgaste da matéria evidenciado nos elementos de sucata descortina um campo precioso para criação em arte e a fotografia, nesse sentido, é muito representativa.

---

<sup>20</sup> Theodor Adorno (1903-1969) foi um filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, um destacado representante da chamada "Teoria Crítica da Sociedade" desenvolvida no Instituto de Pesquisas Sociais (Escola de Frankfurt).

### 3 DO DESCARTE À ARTE

Meu trabalho poético nesta pesquisa de mestrado foi baseado na fotografia de descartes. Foram muitas fotografias, num período de dois anos, em diversos locais de Santa Maria e região. Fotografei em sucatas legalizadas, até locais onde o descarte foi realizado de forma clandestina, em riachos, rios, natureza como um todo. Organizei muitos arquivos com fotografias de lugares específicos. Separei as imagens classificando como documentais, focando o descaso com a natureza, e imagens valorizando a forma, essas, normalmente abstratas. Em todas, tanto nas documentais como nas abstratas, busquei intensamente valorizar a poética.

Realizar uma poética do descarte neste trabalho parece-me viável, interessante e necessário visto o alto consumo da sociedade contemporânea. Em Desc-arte a arte já está subentendida e sustenta a relevância desta pesquisa; se considerarmos a raiz da palavra (desc-arte) no âmbito das poéticas visuais e a reflexão crítica que o tema exige, podemos dizer que pistas são indicadas e que o caminho a percorrer permite questionar, esclarecer e dar um destino dos objetos da não arte, à arte

O descarte e os problemas que podem causar ao meio ambiente, devem ser adequadamente tratados e, sem dúvida, a arte pode contribuir a sua maneira, ou seja, questionando, comunicando e indicando caminhos através dos quais podemos percorrer. Entendo que o meio ambiente é compreendido pelos indivíduos a partir de sua realidade concreta, o que resulta em percepções plurais e diversificadas. Porém, sabemos também que cada um de nós pode dar sua contribuição em vista de uma maior sustentabilidade de seu próprio meio.

A arte contemporânea utiliza uma gama incomensurável de procedimentos, que vão do material à técnica e deles ao pensamento gerado no processo artístico, com força. Ao visitarmos exposições de arte ou museus de grande porte, percebemos a real dimensão da arte contemporânea. A diversidade de suportes e materiais utilizados vão além da materialidade. São materiais gerados a partir da intenção do artista.

Para Adorno (2003), é essencial que o conjunto de elementos que compõem uma obra de arte reflitam o contexto histórico em que ela emerge. O lixo produzido espelha a sociedade atual em decorrência do nível de industrialização e de desenvolvimento econômico atingido pela civilização. O lixo que produzimos é o

rejeito de nosso consumo, fruto de nossos desejos cada vez mais atendidos e logo descartados, só possível pelo desenvolvimento econômico da sociedade atual. A sensação de bem estar proporcionada pelo consumo é efêmera e faz com que compremos mais e conseqüentemente, também descartemos mais, fazendo de nossas aspirações um amontoado de lixo, que traz à tona a sensação ilusória que o consumo proporciona.

O lixo envolve-se com questões cruciais, contradizendo a sensação de estabilidade que o sistema tenta impor, tornando-se um puro instrumento de contestação, ao mesmo tempo em que comunga com o desenvolvimento e com as tecnologias.

Dessa maneira, sendo a arte um meio que denuncia e contesta, o lixo constitui a matéria prima transfigurada em criações artísticas, numa tentativa de cruzar a vida cotidiana de objetos descartados, a partir de uma estética que interroga a curta vida desses elementos. Segundo Nicolas Bourriaud<sup>21</sup> (2011, p.79), “a vida dos objetos se revela cada vez mais breve, sua rotação comercial é constantemente acelerada, e sua obsolescência cuidadosamente planejada”. A precariedade dos objetos resulta, certamente, dessa obsolescência programada a que vamos nos habituando e aderindo ao que é inevitavelmente descartável. Em nossos dias o aceleramento da quantidade de rejeitos é uma realidade e meu trabalho, como fotógrafa, levou-me a lugares de inesperadas condições de descarte, triste realidade ambiental que documentei procurando articular esta realidade como objeto de criação artística.

Fotografar é realizar uma arte que aborda a realidade à distância, deixando-se, por imersão neste processo, envolver os sentidos, a emoção que este ato evoca a fim de que a fotografia realizada seja única. Assim como não se explica a emoção causada por um poema, a fotografia permite a experiência sensível, face a natureza submissa ao descarte.

Poética, a fotografia nos leva aos versos de Alberto Caeiro: “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos. Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é. Mas porque a amo, e amo-a por isso, porque quem ama nunca sabe o que ama. Nem

---

<sup>21</sup> Nicolas Bourriaud, 47 anos, personifica bem o perfil hiperativo do profissional de arte contemporânea. É curador, ensaísta, crítico de arte, foi diretor de instituição de arte (Palais de Tokyo, Paris, 1999-2006), criou e dirigiu revistas especializadas e hoje é diretor da Escola de Belas Artes de Paris.

por que ama, nem o que é amar.”<sup>22</sup> Para minha Dissertação, fotografar com a alma, reciclar olhares e atitudes, eis o segredo dessa arte que me move.

Sem esquecer que esta é uma pesquisa em artes, os conceitos estéticos dos quais ela se apropria nada tem a ver com a beleza como tal. Adorno, em Freitas, (2003, p.25) viabiliza nosso entendimento a respeito das questões estéticas contemporâneas com certa crítica ao capitalismo, que se preocupa em desenvolver um pensamento não apenas abstrato, mas também comprometido com as finalidades da razão. Para ele, tudo é racionalizado, e nega dessa maneira a chamada “arte pela arte”. Para Adorno, o fazer artístico e tudo que este “fazer” envolve, como a forma, o material, o conteúdo, a linguagem, a construção, o estilo, a técnica assumem um lugar especial no contexto artístico contemporâneo, pois se tornam indicadores precisos da ligação existente entre a obra e o seu momento histórico. Para Freitas, “o conteúdo social sedimenta-se na forma de obra de arte” (FREITAS, 2003. p. 25).

### 3.1 OBJETOS E MATERIAIS TRANSFIGURADOS PELA ARTE

A partir do século XX há uma grande variedade de materiais que o artista pode dispor para realizar seus trabalhos. Os materiais surgem do contexto onde está inserida a ideia, o contexto torna-se mais importante que a obra em si, gerando, por fim, uma quebra em torno da adequação do objeto. A arte, neste caso, passa a ser um processo mental. O objeto serve para refletir um conceito, estabelecendo ligação com os pensamentos e com as percepções. Nesse sentido, o lixo, a sucata são fontes preciosas para a busca de uma imagem que, além de esteticamente interessante, é anunciadora do descaso com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, indicadora de soluções possíveis de um problema específico de sua época.

Podemos dizer que a arte contemporânea é o território da pesquisa onde se problematiza e se discute o papel da arte e sua aproximação com a vida cotidiana.

---

<sup>22</sup> Trecho do poema II de O Guardador de Rebanhos de Alberto Caieiro (heterônimo de Fernando Pessoa). Pessoa foi mestre em desenvolver personalidades e de fato atribuir vida aos seus heterônimos. Descreve Caieiro dessa forma: *"Alberto Caieiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Caieiro era de estatura média e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. A vida de Caieiro não pode narrar-se, pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele na vida. Em tudo mais não houve incidentes nem há história."* (Narrativa de Pessoa sobre seu heterônimo, partirei rapidamente para aquilo que o tornava vivo).

Passamos a observar a questão da ausência de parâmetros rigidamente estabelecidos, inclusive buscamos, conscientemente nos afastarmos de tais parâmetros. Pareyson (1991, p.59) afirma que “não existe um corpo teórico, nem regras universalizantes que possam estabelecer uma conduta traçada a priori pelo artista. A arte requer um processo no qual o artista, ao criar a obra, invente o seu próprio modo de fazê-la”.

Os materiais e objetos reutilizados simbolizam os meios de um tempo, e notamos que é natural que um material usado encontre-se como material apropriado pela arte. O modo de viver contemporâneo, voltado para o consumo exagerado, faz dos objetos que consumimos hoje o lixo de amanhã, que cresce em proporções nunca vistos. Nesse sentido a arte tem um papel que revela esse modo de vida. Sempre haverá um ou outro artista trabalhando com materiais com tais características e aproximação com a vida de todos nós.

A diversidade de materiais e objetos transmutados pela arte contemporânea revelam a liberdade de ação que o artista necessita na instauração de suas obras e supõe modos de pensar que reúne e desperta o interesse por objetos comumente impensados pela maioria das pessoas. Ressignificar essa matéria seria ressignificar o olhar, num projeto de interesse para as artes que abarca questões da sociedade como um todo.

Para se referir aos anos iniciais do século XX, a pesquisadora e escritora de arte Anna Cauquelin<sup>23</sup> (2005) usou a figura dos “embreantes” em meio à transição de regimes de Arte Moderna para a Arte Contemporânea. Os escolhidos por ela foram Marcel Duchamp, Andy Warhol e Leo Castelli. Segundo Cauquelin (2005, p. 88), “esses três personagens têm em comum o exercício de uma atividade que responde aos axiomas-chave do regime de consumo”. Marcel Duchamp, com a sua posição de ‘antiartista’ e com a criação dos *ready-mades*, esvaziou o conteúdo emocional e intencional do artista e da obra. O “fazer à mão” sendo abandonado dá lugar a um trabalho com signos. A exemplo, Duchamp não oferece novas imagens, mas propõe um exercício da arte num sistema de comunicação, ao afirmar que qualquer objeto pode ser arte, desde que, num determinado momento, fortaleça o poder da instituição de arte, pois a partir de então “o lugar de exposição torna os

---

<sup>23</sup> Anne Cauquelin é uma reconhecida crítica de arte, pintora, filósofa, escritora e docente, tendo já publicadas, durante a sua longa carreira, obras incontornáveis como *As Teorias de Arte* e *A Invenção da Paisagem*.

objetos obras de arte”. Neste caso, Duchamp considera “o valor estético de um objeto, por menos estético que seja” (CAUQUELIN, 2005, p. 94).

O artista empreende novas maneira de criar e executar; ele escolhe e utiliza o material, dando-lhe, segundo Cauquelin (2005, p. 97), um “coeficiente de arte”. Sendo assim, a arte deixa de ser emoção para ser geradora de questionamento, de construção de pensamento a partir de obras, que se expõem a novos pensamentos reflexivos, para além da própria obra. A transmutação de objetos usuais em objetos da arte realizada por Duchamp permitiu que outros seguissem seus passos e até hoje sua obra marca o trabalho de muitos artistas contemporâneos.

A fotografia não ficou distante dessa transmutação de objetos reais em imagens que incitam o pensamento e propõem novas pistas para se pensar o mundo e tudo que ele abarca. Neste trabalho sobre o descarte a fotografia tem revelado sua eficiente potência visível; a realidade fotografada não resulta unicamente do agenciamento tecnológico específico mas da ação sensível e transformadora da artista, na intenção de uma conscientização sensível do descarte, pois a natureza precisa desse cuidado.

Eficaz na abordagem das questões ambientais, a fotografia indica caminho de acesso ao conhecimento e inova o panorama das artes visuais, através de uma estética fotográfica que mostra, que sensibiliza em prol de possíveis soluções de questões ambientais, tais como as causadas pelo descarte em geral. Sontag (2008) faz uma reflexão sobre diferentes conceitos de fotografias, dizendo que, antes de conhecer é necessário reconhecer, por isso distingue fotos que são consideradas documentos e fotos que são arte.

As fotos das terríveis crueldades e injustiças que afligem a maioria das pessoas do mundo parecem nos dizer – a nós, que somos privilegiados e estamos relativamente seguros – que temos de ser despertados; que temos de querer que se faça algo a fim de cessarem tais horrores. E há também fotos que parecem reclamar um tipo diferente de atenção. Para esse corpo de obra em andamento, a fotografia não é uma espécie de agitação moral ou social, destinada a nos incitar a sentir e a agir, mas sim um projeto de notação. Olhamos, registramos, reconhecemos. Essa é uma maneira mais fria de olhar. É a maneira de olhar que identificamos como arte”. (SONTAG, 2008, p.139)

Parece ser esse o caso de Muniz, que, ao mesmo tempo, mostra uma realidade, mas acima de tudo faz da foto realizada uma obra de arte. Sontag descreve como forma de conhecimento, identifica-se com a arte e valida a fotografia

como objeto contemporâneo da arte, amplamente utilizado nas pesquisas poéticas de Vik Muniz e tantos outros artistas preocupados com as questões ambientais. Muniz realiza experiências que questionam as formas tradicionais de construção imagética, colocando a fotografia como matriz, suporte intermediário e resultado final da obra, manifestando novas estéticas, além de vínculos culturais e sociais do entendimento do artista sobre a função social da arte.

Na minha pesquisa, ao visitar uma sucata, para fotografar, observo seu conteúdo, exploro as possibilidades estéticas contidas no material encontrado, de modo que a banalidade do objeto descartado se metamorfoseie, a fim de que a metamorfose ultrapasse o espaço fotografado e sensibilize olhares, pela potência imagética da fotografia esperando que essa potência alcance muitos olhares, transforme atitudes e indique caminhos para uma tomada de consciência voltada para o cuidado com o meio ambiente.

Acredito que é responsabilidade de todos contribuirmos para que o mundo seja preservado de uma devastação sem retorno, sem amanhã para outras gerações. Se diminuirmos o consumo e reciclarmos o descarte é o caminho possível em direção de um mundo preservado, o que cada um de nós pode fazer para alcançarmos esse objetivo?

Como em toda pesquisa de campo, a minha pesquisa sobre o descarte em Santa Maria e seus arredores revela uma realidade preocupante. Fotografei locais diferentes, lugares urbanos e nos arredores da cidade, observando a diversidade de objetos descartados sem cuidado necessário, entre eles, inclusive objetos que poderiam ser reciclados, beneficiando outras pessoas e projetos sociais que podem dar-lhes um destino útil.

O contraste de luzes ou o contraste cromático dos objetos na fotografia, Figura 31, cortada pela sombra no meio do arranjo, conduz o olhar do espectador num trajeto visual que permite várias inferências, uma delas em que um dos materiais sobrepõe-se sobre o outro, parecendo encobrir, sem impedir a degradação de ambos. A graduação cromática entre os tons de amarelo, laranja, vermelho e creme, em contraste com o escuro da sombra entre os planos, são visualmente interessantes. Os círculos cortados no objeto, no primeiro plano, tem o mesmo diâmetro, conferindo unidade à peça. Talvez revele o caminho e um meio propício de troca com a sociedade, especialmente em Santa Maria, considerando que muitos olhares serão atraídos à cena, para ver com mais atenção o descaso

em relação ao meio ambiente, requerendo a prevenção devida ao descaso que a cerca em se tratando de cuidado, zelo e preservação à natureza.

Figura 31 – Jane Zofoli – S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

A fotografia, Figura 32, vislumbra um certo equilíbrio estático caracterizado pela decomposição da carcaça de um veículo, acentuado pela porta que cai de sua estrutura, reforçando o estado de degradação do veículo abandonado. As cores suaves, neutras, potencializam o desgaste proporcionado pela exposição. No

primeiro plano da fotografia verificamos a natureza fazendo seu papel, abraçando o objeto degradado como se mostrasse que aquele não é seu lugar. Ao mesmo tempo, tem-se uma ruptura na imagem, onde se vê o azul do céu, o verde das árvores ao fundo, emoldurando a fotografia, onde o metal da peça desgastada, em contraste com os elementos naturais, confere à composição um efeito inquietante ao olhar do espectador. Esta fotografia é o exemplo que certifica o descompasso entre as ações quotidianas e as ações sustentáveis capazes de trazer um equilíbrio nos dias atuais.

Figura 32 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

A fotografia, Figura 33, revela diversos materiais colocados em sobreposição, num arranjo denso em algumas partes e espacial em outros, sugerindo escultura. No primeiro plano sobras de materiais metálicos. Nota-se três hélices em tamanhos diversificados, que, alinhadas, em sequência, imprimem movimento à cena. A diferença de texturas dos materiais, somadas às cores muito próximas em tons de verde, azul e creme completam a harmonia da composição. O que se sobrepõe,

contudo, no contexto geral, é mais uma demonstração de descaso com o meio ambiente.

Figura 33 - Jane Zofoli - S/título, (2018) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2018).

### 3.2 CONTEÚDO ESTÉTICO DO LIXO

A arte contemporânea permite discutir e problematizar qualquer tema; isso me conforta com a possibilidade de desenvolver uma pesquisa de acordo com seu tempo, que possa contribuir com um pensamento poético sobre um dos problemas graves de hoje, o descarte inconsciente. Portanto, neste projeto, a fotografia permite visualizar e pensar as possibilidades contidas nos materiais da não-arte, e transformá-los em objetos da arte.

Os materiais e objetos reutilizados simbolizam os meios de um tempo, e notamos que é natural que um material usado encontre-se como material apropriado pela arte. O modo de viver contemporâneo, voltado para o consumo exagerado, faz dos objetos que consumimos hoje o lixo de amanhã, que cresce em proporções nunca vistos. Neste sentido a arte tem um papel que revela esse moto de vida. Sempre haverá um ou outro artista trabalhando com materiais com tais características e aproximação com a vida de todos nós.

Tratando-se de uma pesquisa poética, os trabalhos que realizei ao longo deste mestrado, iniciaram-se com a fotografia, articulando-se com outras propostas artísticas, como instalação e projeção, mesclando imagens buscadas no cotidiano urbano da cidade de Santa Maria e arredores. Toda a pesquisa foi construída a partir da percepção e apreensão do pensamento próprio da fotografia, mas com ações artísticas que aceitem outras formas de expressão, que enriqueçam minha poética. A pesquisa foi inicialmente realizada no reconhecimento de campo, com olhar de pesquisador do descarte à arte, num olhar fotográfico sobre o lixo e os problemas ambientais, invisíveis para quem se recusa sequer vê-los e reescrevê-los, nesta proposta em arte.

O trabalho realizado foi fruto de reflexão a partir do descarte urbano de Santa Maria, RS. Como cidadã residente nesta localidade interessada no destino do descarte, minha atitude foi observar o descarte pessoal desta pesquisadora, no espaço temporal de uma semana a um mês. Isto levou-me a pontuar, no intervalo de trinta dias, os objetos descartados em minha casa e vizinhança.

Inicialmente pareceu uma ação comum, mas, à medida que acumulava os resíduos sólidos recicláveis em caixas, na garagem de minha residência, ao invés de depositá-los nos containers específicos, na rua em frente, tive certeza que a proposta para este projeto de pesquisa é viável para uma proposta de mudança de hábitos em relação ao meio ambiente.

O alumínio é um dos metais mais abundantes no mundo moderno, e a foto abaixo, Figura 34, causa impacto positivo, por ter sido recolhida, sendo 100% reciclável. Na verdade, o alumínio pode ser reciclado infinitas vezes, e, em cada intervalo, servir de motivação para o social, a partir de seu recolhimento. É justamente isso que a fotografia mostra, ou seja que o material foi armazenado, mas o que ela revela vai além disso. Ela indica que existe um outro fim, um outro destino; útil porque reutilizável, essencial para a preservação do meio ambiente em geral.

Essa fotografia retrata uma produção em série, ela que, por sua vez, é a arte suscetível da reprodução, inferida como uma expressão que impulsiona a tendência cultural de uma época, permite pensar no excesso e a necessidade do descarte a que somos submetidos. O conjunto monocromático das peças é esteticamente agradável ao olhar. O azul no quadrante superior da fotografia contrasta com o fundo escuro, trazendo harmonia para a composição.

Figura 34 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

A fotografia das tampinhas coloridas, Figura 35, após terem cumprido a função de manter intacto algum produto, perdem a utilidade inicial, sendo jogadas nas ruas, nas calçadas, ou nas areias das praias. Se jogadas ao mar, o mar as leva, mas as devolve. Recolhidas, remetem à conscientização ambiental, prevendo seu

direcionamento a uma arte possível de ser inventada. Esteticamente, a cor é vibrante, primária, e a forma circular dos objetos pequenos é impactante, parecendo expandir para além do recipiente que as envolve. As diversas camadas do entorno conferem ideia de movimento à fotografia. O material que contém as peças emoldura a cena. No processo de uma poética fotográfica a perspectiva de interação tem um papel fundamental no descarte revelado.

Figura 35 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

As formas divergentes na fotografia, Figura 36, dão a impressão de terem sido colocadas milimetricamente no espaço em que se encontram. Na realidade, em cores variadas, os objetos que aparecem estão “deformados”, amassados e apresentam uma volumetria alterada. O colorido vibrante de algumas garrafas e

latinhas contrasta com a transparência de outros objetos. Contrastam, sobretudo, com a consciência necessária ao descarte responsável.

Figura 36 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

A fotografia, Figura 37, apresenta lâmpadas feitas de materiais bastante resistentes, e ao fotografá-las remetemos à opções criativas, numa tentativa de provocar olhos atentos à re(criação), provavelmente não pensadas por aqueles que depositam indiscriminadamente tais resíduos na natureza. Curvas e outras formas perfazem essa imagem, que sugere o desvanecer de um objeto já utilizado, de “vida útil” pré-determinada, que já se apagou, sendo que a repetição dos objetos na cena lembra a grande quantidade dos mesmos, irresponsavelmente, descartados sem critério, nem preocupação. A transparência do vermelho contrasta com o brilho do branco e deixa à mostra os metais contidos no interior da lâmpada, dando um toque

delicado à cena. Podemos observar que embora esse seja um objeto sem arte, subsiste uma estética certamente surpreendente, trabalhada pela fotógrafa e agenciada pela técnica fotográfica. No entanto, o que prevalece é o pensamento e a consciência em relação à decomposição total de objetos como esse, em um tempo que pode durar um incontável número de anos.

Figura 37 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

No contexto de objetos do meu cotidiano, a fotografia que vemos, Figura 38, revela uma composição de talheres destinados ao descarte, reunidos por mim no período de um mês, durante internação hospitalar para uma cirurgia ortopédica, em 2019, totalizando 1800 peças. A imagem icônica revela o problema do desperdício e da ausência de atitudes conscientes diante do reciclável, remetendo à produção desenfreada e contraventora da realidade. O impacto emocional pela noção de

quantidade de uma produção teimosa e descabida é evidente. As peças brancas sobrepostas, em suporte branco e preto parecem soltas no espaço da cena, conferindo profundidade à fotografia. Na parte inferior o preto do fundo realça o branco do material descartado, imprimindo luz e sombra ao trabalho. Esse tipo de ação, por menor que seja, chama a atenção e, espero, leve a pensar sobre as consequências do descarte desse material no meio ambiente.

Figura 38 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Na fotografia, Figura 39, a transparência evidenciada nos objetos sobrepostos é efeito de incidência de luz indireta de uma lâmpada azul, colocada próxima aos objetos, que resultou num contraste de azul luminoso em fundo preto. Essas fotografias, resultantes desta pesquisa em artes visuais tem a intenção de revelar o fruto do descarte da sociedade, buscando ressignificar pelo olhar, o

material e a consciência de quem usa e descarta, irresponsavelmente, em larga escala. Um contraste com a necessidade de reciclar.

Figura 39 – Jane Zofoli - S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Todo processo de instauração de uma obra implica o vai e vem da realidade, às inúmeras imagens que o pensamento confronta e decide qual delas corresponde ao desejo de quem realiza. Nesse contexto de arte e descarte a artista japonesa Sayaka Ganz também docente da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos produz esculturas ecologicamente corretas, que reutilizam objetos no fim de sua vida útil. Ganz conta que foi inspirada por crenças xintoístas japonesas que dizem que todos os objetos têm espíritos, e aqueles que são jogados fora "choram à noite dentro da lata de lixo". Com essa imagem vívida em sua mente, ela começou a coletar materiais descartados como utensílios de cozinha, óculos de sol, eletrodomésticos, brinquedos, dentre outros e a incluí-los em suas obras de arte. Ao produzir suas obras, Ganz recupera e regenera os materiais em questão e propõe um consumo mais racional dos insumos, dando continuidade ao ciclo da

natureza. A obra de Ganz introduz mais uma chance de vida para esses materiais que seriam descartados, provavelmente, de forma incorreta, e degradariam o planeta. Na obra o material se revela (Figuras 40 e 41).

Figuras 40 e 41 – Sayaka Ganz – S/título, (2017) – Esculturas - Foto Itaú Cultural



Fonte: (ECO CYCLE, 2019).

Ganz usa plástico branco e preto nas escultura, ressaltando luz e sombra, no espaço natural. As imagens mostram o gesto da artista que parece desejar que os animais criem vida e saiam do estado de inércia.

Essa artista relata ainda que construir essas esculturas a ajuda a compreender a situação atual do planeta. "Isso me lembra de que mesmo que exista um conflito agora, existe uma solução na qual todas as peças podem coexistir em

paz. Nas minhas esculturas eu transmito uma mensagem de esperança", diz. Para Sayaka Ganz, o papel dos artistas em um momento de crise climática é mostrar o quão bonito e útil o lixo pode ser. "Quando a gente enxerga isso como beleza, nos lhe damos valor. E se valorizarmos os nossos recursos, nós iremos produzir menos lixo", conclui (GANZ, 2020).

À medida em que evoluímos em tecnologia parece que nos desconectamos com a natureza, e a importância em preservá-la. Nesta mesma perspectiva de preservação, o fotógrafo Alejandro Duran, apaixonado por belezas naturais, fez diversas fotografias baseadas em elementos de lixo descartado na natureza, transformados numa instalação em arte (Figuras 42 e 43).

Figuras 42 e 43 – Alejandro Duran – *Lavado* (2015) – Costa Caribenha - Instalação lixo marinho



Fonte: (Disponível em: <https://marsemfim.com.br>).

Duran coleta o lixo internacional lavado na costa caribenha do México e o transforma em obras de arte de estéticas inquietantes, que nos despertam para a ameaça da poluição por plásticos. Através da fotografia e instalação, seu projeto de longo prazo, "Lavado: transformando uma paisagem lixeira", examina as interseções difíceis do homem e da natureza, revelando o impacto generalizado da cultura de consumo no mundo natural. Nascido na Cidade do México em 1974,

Alejandro agora está baseado entre Brooklyn, Nova York e Sian Ka'an, México, onde continua a recolher lixo para o projeto Lavado.

Existe uma vertente ecológica no trabalho de Ganz e Duran, que procura contribuir para a diminuição da quantidade de desperdícios no planeta. Eles acreditam que, mais do que condenar o uso do plástico e a procura de uma vida mais cômoda, o papel do artista está em mostrar como dar uso criativo ao que a sociedade descarta, revelando a beleza contida nos objetos. Pode-se dizer que a intenção desses artistas comporta uma forma de sensibilização que visa uma mudança de comportamento através de uma estética operada nos objetos assim reciclados.

Esse pensamento faz eco com o meu fazer artístico. Um ponto de aproximação com o trabalho desses artistas reside na estética originada de algo insignificante como o plástico. Sem dúvida que com esse conteúdo estético, tendemos a valorizá-lo, a não desperdiçá-lo. Outro ponto em comum que observo é a preocupação com o meio ambiente, expressa nas fotografias do meu trabalho. Acreditando que, em se tratando de meio ambiente e sustentabilidade, não há somente grandes ações com impacto internacional como a dos artistas Ganz e Duran, que meu trabalho de pesquisa em nível de Mestrado, ganha sentido por ser local e colocar no centro de questionamentos o que se faz e o que ainda falta fazer em Santa Maria. Este trabalho não limita minha vontade em estender a pesquisa, para além de Santa Maria.

### **3.2.1 Desc-arte e os rejeitos da arte**

Procurando avançar a realização de fotografias durante o Mestrado, circulei pelos mais diversos lugares de Santa Maria e região. Esses lugares incluem a própria Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Durante a Docência Orientada, (DO) no segundo semestre de 2019, propus aos alunos de graduação, turma da disciplina de Fotografia, que fizessemos exercícios de campo, fotografando materiais descartados no entorno do Centro de Artes e Letras da UFSM, (CAL).

A UFSM segue o Plano Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), com disponibilidade de containers específicos para cada tipo de resíduo descartado. Constatamos, no exercício proposto, descartes nos locais apropriados. Porém,

também encontramos materiais diversos, como latas, vidros, sacolas, plásticos, jogados aleatoriamente nas ruas, estacionamentos e bosques do campus. Essa constatação foi reveladora, e causa desconforto, pois sendo a UFSM um local de pesquisa, de educação em todas as áreas, onde há diversidade de cursos com foco no meio ambiente e na sustentabilidade, não seria esse o esperado. Nas Figuras 44, 45, 46 e 47, apresento fotografias das composições que fizemos utilizando alguns desses materiais recolhidos no Campus.

Figuras 44, 45, 46 e 47 – Desenho expandido sobre papel cartão 40x40cm (2019)



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Esse trabalho com os estudantes da graduação motivou-nos a seguir a discussão, na aula seguinte, sobre o que vemos em todos os lugares, e, especialmente no ambiente da UFSM e a responsabilidade que devemos ter para com ele. Em tal contexto, o foco foi a fotografia como meio que permite sensibilizar e, quem sabe, provocar novos hábitos.

As fotografias realizadas pelos estudantes foram copiadas em papel fotográfico e apresentadas em aula onde fizemos análises compositivas das mesmas; e discutimos o conteúdo representativo das fotos, apontando as consequências do descarte no meio ambiente.

Finalizando minha docência orientada, propus aos estudantes que escrevessem suas impressões sobre o trabalho realizado no espaço tão próximo a nós, que é o campus universitário. Esse trabalho poético centrado no descarte permitiu, através do olhar fotográfico, enfatizar as questões dos rejeitos que produzimos nos perguntando: de que maneira nossa comunidade acadêmica, a qual pertencemos, poderia contribuir com ações mais abrangentes numa prática consciente sobre a sustentabilidade do Meio Ambiente? Não seria esse um papel social da Arte?

Ao término da Docência Orientada, continuei a realizar fotografias no Campus. Durante os deslocamentos pelo Campus, acompanhada por minha orientadora, a professora doutora Darci Raquel Fonseca, nos deparamos com objetos provenientes dos trabalhos de arte destinados ao descarte. O que fotografei mostra que, não muito longe, o descarte tornou-se uma demonstração de que precisamos mudar nossos hábitos. Esse descarte contrapõe com a intenção da minha pesquisa e ao mesmo tempo ilustra a necessidade e a importância de ações que esclareçam e sensibilizem de maneira eficaz nossas ações engajando-nos, pois, nesse quesito, todo gesto tem sua importância, que, somados a outros, tornam-se grandes nesta causa.

Uma (des)equilibrada e quase dinâmica disposição de elementos em cores que se assemelham, permeando elementos visuais que se contrapesam, permitem um enquadramento quase emoldurado, nas cenas captadas no CAL; mostram, segundo o meu ponto de vista fotográfico, o descarte de objetos, mas, ao mesmo tempo, revelam e confirmam que a estética do fotográfico certifica este trabalho no campo da arte. Entre a desordem de objetos aleatoriamente rejeitados (Figura 48) e uma certa organização na composição da fotografia (Figura 49), a confluência da

arte com o descarte nos mostra a potência desse tema no meio sócio cultural de Santa Maria.

Figuras 48 e 49 – Jane Zofoli – S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm – UFSM



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Nas fotografias, Figuras 50 e 51, os objetos descartados contrastam em cores e texturas; em toda cena algumas peças brancas, de gesso, contrastam com outras em cerâmica, Na figura 50, na parte superior da fotografia a madeira disposta em posição vertical contém o material, numa moldura grosseira. A Figura 51 mostra materiais diversos entre madeira e metal, numa (des)composição poética que revela o (des)compromisso com a preservação do local em que estão dispostos.

Figuras 50 e 51 – Raquel Fonseca – S/título, (2019) Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (FONSECA, 2019).

Já nesse mesmo espaço, figuras 52 e 53, e, por outro ângulo, é possível outras inclusões e conceitos, sem qualquer equilíbrio, unindo diversos elementos, de cores e texturas divergentes, uns mais facilmente degradáveis, outros menos, mas todos eles quase mergulhados no chão e na grama, em uma interação destrutiva, causando um desequilíbrio desconcertante aos olhos do espectador. Ao fundo, figura 52, pequenas esculturas em branco e cinza preenchem o espaço. A madeira envolve a escultura do busto de mulher, parecendo fazer-lhe um afago. O verde da grama emoldura a peça. A figura 53 apresenta dois planos, o primeiro com um objeto retangular, desgastado pelo tempo, numa quase pose do material descartado, o que parece ser uma mesa, captada em uma decomposição de cor, e supõe uma imagem fraturada na composição total do que é revelado. Ao fundo materiais de muitas formas.

Figura 52 e 53 – Raquel Fonseca – S/título (2019) Fotografia 30x21cm – S. Maria



Fonte: (FONSECA, 2019).

### 3.3 A SUCATA OCUPANDO O ESPAÇO

No encaminhamento de minha pesquisa de mestrado encontrei objetos de interesse para um trabalho de desenho expandido que veio acrescentar a realização poética instaurada. O material de descarte foi garimpado em diversas sucatas de Santa Maria. Para o trabalho poético faço uma seleção, e estudo uma composição que valoriza cores, formas, buscando o agenciamento que permita a transfiguração dos objetos do descarte para a arte.

A arte nas suas diversas vertentes tem o poder de revelar e de conscientizar sobre os graves problemas ambientais que a sociedade contemporânea vive.

Na imagem, Figura 54, o descarte repousa sobre um capô antes indevidamente descartado por alguém, a que agora se somam resíduos sólidos, devidamente embalados e recolhidos, referendando a necessidade da educação ambiental, como preservação do meio ambiente.

Figura 54 – Jane Zofoli – *Contemporâneo*, (2020) – Instalação descartes sobre metal - 1,50x1,00m – Foto: Jane Zofoli



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Também remete ao consumo desmedido. Garrafas pet, de vários formatos estão nos sacos de tecido reciclado, com trabalho em serigrafia, com palavras que

remetem ao tema desta pesquisa, como descarte, meio ambiente, sustentabilidade, gravadas em cores vermelha, azul e amarelo.

A obra *Objetos do Acaso*, Figura 55, apresenta dois planos horizontais sobre fundo escuro, com objetos circulares nas extremidades, que acentuam a composição. Tons de azul e branco conferem luz à tela. Objeto metálico cor bronze une os elementos dispostos ao longo do espaço compositivo. Essa realização poética comporta objetos proveniente de descartes, em suporte de Eucatex, e recebe um tratamento final de tinta acrílica e sobras de verniz vitral sobre os objetos, que acrescentam colorido, tornando a cena mais intrigante, surpreendente.

Figura 55 – Jane Zofoli - *Objetos do acaso*, (2020) – Desenho expandido sobre Eucatex - 1,00x0,80m – Foto: Jane Zofoli



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

A obra *Aramados*, Figura 56, é uma composição que utiliza sobra de arames, e folha de zinco, cortada em tiras, sobre suporte de Eucatex em tinta acrílica preta. O vasado da peça confere ideia espacial à obra. Os tons em branco, cinza e preto iluminam a realização poética. O descarte nessa proposta transfigura-se em criação artística, assumindo outro papel: de lixo para uma tela de desenho expandido.

Figura 56 – Jane Zofoli – *Aramados*, (2020) – Desenho expandido sobre Eucatex - 1,00x0,80m – Foto: Jane Zofoli



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

O uso de materiais diversos na realização de obras artísticas é uma prática presente em muitos artistas. O artista visual Nuno Ramos<sup>24</sup> mostra interesse em utilizar materiais diversos para fazer seus trabalhos. Ele faz suas composições com superfícies que se avolumam e, para conseguir esse volume, ele utiliza arames,

---

<sup>24</sup> Nuno Álvares Pessoa de Almeida Ramos (São Paulo, São Paulo, 1960). Escultor, pintor, desenhista, cenógrafo, ensaísta, videomaker.

latas, panos, possivelmente encontrados em locais de descartes. Esse agregar de materiais projeta a superfície para os limites do suporte, transformando-o num relevo, que induz o olhar para o tipo de material utilizado.

Vemos nas obras de Nuno Ramos um conteúdo essencialmente estético. Esse artista utiliza materiais descartados, explora o aspecto desgastado desses materiais, conferindo-lhe um todo carregado de significados e faz dessa ressignificação o meio de apresentação a ser compartilhada com o público. Como artista, experimenta muitos suportes: de 1988 até 1990, destacam-se quadros de grandes dimensões que recebem aplicação de diversos materiais, como parafina, breu, lona e sucata de metal (Figura 57).

Figura 57 – Nuno Ramos - S/título, (1988) *Sucata sobre madeira*, técnica mista, (1000x588cm) – Foto: Itaú Cultural



Fonte: (Itaú Cultural Foto: James Lisboa Leiloeiro, 2018).

Acredito que meu trabalho aproxima-se do trabalho de Ramos pela utilização de materiais com cores, dimensões e tamanhos diversos, que juntos conferem uma estética vibrante. Porém vejo distanciamento pois interessa-me realizar um trabalho

poético que vá além dessa materialidade; minha intenção é fotografar sucatas para reciclar o olhar, propor a observação do objeto fotografado, para além da transmutação estética do mesmo. Portanto, apresentar essa proposta através da fotografia é uma tentativa de evidenciar, através das imagens, esse contexto, observando conteúdo estético agregado de valor sociopolítico, indicando quão danosos são os hábitos de descarte impregnados em nosso pensar e agir cotidianos.

#### 4 A ARTE MUDANDO PARADIGMAS

Neste trabalho de pesquisa, centrado no descarte, proponho uma reflexão sobre as relações da sociedade contemporânea, com o planeta que nos abriga. Constatamos na sociedade atual, em diferentes situações, o descaso e, muitas vezes, o egocentrismo humano no tratamento das questões relacionadas ao ecossistema. Com esse pensamento impregnado em todas as nossas ações é incontestável o impacto negativo causado ao meio ambiente e a necessidade de um trabalho que possa sensibilizar e, certamente, reverter esse tipo de comportamento. A arte parece ter sido um meio eficaz que chama a atenção e ensina com seus próprios códigos o que outras atividades nem sempre conseguem com tanta pertinência.

Através desta pesquisa poética com tema que integra a sustentabilidade, procurei evidenciar as questões ambientais na expectativa de aprofundar o pensamento e contribuir com um trabalho artístico fundado nesse tema. Realizei fotografias da diversidade de elementos de objetos descartados que constituem uma fonte de recursos imagéticos para meu trabalho. Se no descarte esse material é rejeitado e inviável economicamente, no meu trabalho, ganha nova vida onde o estético e o inestético se cruzam e se transformam em imagem fotográfica que revela, por sua potência visual, e abre nova visão de um contexto que, muitas vezes, não queremos ver.

O desgaste da matéria dos elementos de sucata comporta um conteúdo precioso que exploro nas minhas ações criativas, onde a fotografia condensa e revela como síntese de minha sensibilidade; diferentes nuances, cores e formas ganham outra forma, a forma da arte. Se o ar, a luz, o ambiente modificam os objetos descartados, uma vez fotografados, eles se revestem de uma transformação suplementar que a fotografia produz; objeto artístico, a fotografia abre novos destinos para cada material descartado.

Apesar do descarte, em princípio, não constituir um material de valor estético, reitero meu desejo de seguir transformando-o, pela arte, nesta pesquisa em artes visuais.

A experiência vivida neste processo de criação valida seu conteúdo como obra realizada. Segundo Rey (2002, p.129):<sup>25</sup>

A obra se fazendo constitui-se numa utopia na medida em que a idealização de um projeto é como o lançar uma flecha: partimos de um ponto determinado como uma mira, porém o ponto de chegada só poderá ser determinado pela trajetória. Não podemos prever com exatidão os caminhos pelos quais a obra se concretizará.

Criar imagens de objetos do descarte na região de Santa Maria, para minha pesquisa, parece uma alternativa viável e rica de informação a ser compartilhada, uma vez ressignificada pelo olhar da fotografia, segundo minha visão, meu ponto de vista. Mudar essa realidade aparentemente insignificante em realidade fotografada nos aproxima da seguinte reflexão:

Diante do insignificante, a fotografia faz nascer a poesia na foto e nos olhares do criador e do receptor. Então, se impõe o fato de que o objeto a ser fotografado pode, às vezes, ser apenas um pretexto, o que não quer dizer que seja inútil. É preciso, portanto, articular a estética do insignificante a do “ao mesmo tempo”. Isso dá um outro olhar ao mesmo tempo às fotos da obra fotográfica – verdadeiro mundo aberto aos outros mundos da arte e aos mundos dos homens – e às coisas e aos seres: uma obra fotográfica nos questiona sobre a fotografia e sobre o mundo. (SOULAGES, 2010, p. 228).<sup>26</sup>

Isso corrobora o pensamento em que nada parece impossível para a arte, tudo depende como dispomos o objeto, o olhar, a intenção.

Como meu objetivo sempre foi adequar as questões da arte com as da sustentabilidade, o lixo, a sucata são fontes preciosas para a busca de uma imagem onde a estética específica das sucatas contribua também com uma ressignificação do olhar das pessoas que se sensibilizarão com as questões ambientais.

Modificar hábitos enraizados em nossas rotinas diárias exige um comprometimento pessoal que possibilite uma mudança, que resgate o respeito pela natureza que nos abriga. Seria a fotografia um instrumento capaz de confrontar nossos hábitos? Os trabalhos de artistas que têm a fotografia como meio de

---

<sup>25</sup> Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Artista Plástica, Dra. em Arte Univ. Paris I, Fr. Desenvolve produção a partir de pesquisas em fotografia e tecnologia digital produzindo trabalhos em grandes e pequenos formatos, vídeos, instalações, livros de artista.

<sup>26</sup> François Soulage é um filósofo francês, crítico de arte, especialista em estética da fotografia. Desde 2000 é professor de estética do departamento de estética na Universidade Paris VIII.

expressão deixa pensar que sim.

Na Figura 58, fotografia de garrafas, cujos conteúdos, provavelmente embebedaram corpos e cegaram olhos, tão desatentos à questão ambiental. Na disposição dos objetos mal descartados, a simbologia da vertigem humana depois do prazer de consumir o lícito. A fotografia foi feita numa tarde solar, à beira de um riacho, e nos deixa a triste constatação que esses objetos, com prazos de degradação muito longo foram jogados num mesmo local. Poderiam contribuir muito para um processo de reciclagem ou reaproveitamento.

Figura 58 – Jane Zofoli - S/título, (2020) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Na fotografia, Figura 59 objetos similares, em espessuras que diferem entre si, empilhados, revelam infinitude no espaço que foi criado, através da captação da imagem, originando a ideia de repetição e de reprodução. Essa continuidade atua como geradora de combinações que tendem a se expandir, revelando que para arte o limite de sua extensão pode ser infinito. Os diferentes tons de cores entre o marfim, o ocre e o marrom, imprimem luz à cena de objetos displicentemente

jogados diretamente no solo, evidenciado por uma pequena porção de verde na parte inferior da cena.

Figura 59 – Jane Zofoli – S/título, (2019) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS.



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

O artista Henrique Oliveira<sup>27</sup> utiliza em seus trabalhos de arte materiais descartados, que ficariam degradando na natureza. As obras são expostas em galerias e museus do mundo, num deslocamento do lixo para a arte. Sem considerar que seu trabalho seja esteado numa política de sustentabilidade, ele menciona preocupação ambiental. Segundo o artista, em algumas obras utiliza materiais retirados do lixo. Oliveira apresenta nessa tela, *Tapumes*, figura 60, uma colagem e pintura sobre madeira.

Nesse trabalho relaciona a aparência da obra, feita de retalhos de tapumes usados na construção civil, que por sua vez foram sobras de árvores derrubadas,

---

<sup>27</sup> Henrique Oliveira, Ourinhos- MG (1973), é um artista plástico brasileiro. Formado em Artes Plásticas e mestre em Poéticas Visuais pela Universidade de São Paulo. Pintor por formação, além de obras sobre tela, explora construções tridimensionais na forma de instalações temporárias e esculturas.

processadas pela indústria ao reuso de material e consequente diminuição de consumo de novos materiais.

Figura 60 – Henrique Oliveira - *Tapumes*, (2009) - Rice Gallery-Houston. 2009. Madeira 4,7m x 13,4m x 2m. Foto: Nash Baker



Fonte: (Juliana Cardoso Braga PhD in Design Universidade Federal Uberlândia.2009).

Penso que meu trabalho artístico aproxima-se da obra de Oliveira, pela utilização de material descartado em seus trabalhos. Como distanciamento acredito que a utilização de matérias descartadas no trabalho do artista tenha somente interesse estético; dessa forma ao transfigurar o material em arte, contribui para que haja uma diminuição de danos à natureza. Ao contrário de Oliveira, meu interesse é provocar os espectadores, pela fotografia, para o consumo sem medida e o consequente descarte.

#### 4.1 A ARTE E AS QUESTÕES AMBIENTAIS

É fato afirmar que, através do desenvolvimento econômico, principalmente após a Revolução Industrial, no Brasil, a partir do século XIX que transformou e impulsionou o crescimento da população, a urbanização trouxe com ela mudanças significativas nos modos de produção e consumo da sociedade brasileira (FURTADO, 2005).

A consequência direta desse processo pode ser comprovada no aumento da produção de resíduos sólidos, tanto em quantidade como em diversidade, principalmente nos grandes centros populacionais. Atualmente, cada vez mais, o consumismo tem afetado negativamente o meio ambiente, tornando essa pesquisa uma fundamental reflexão sobre os desafios que precisamos assumir diariamente, para mudar as formas de pensar e agir em torno das causas ambientais. A arte, por ser questionadora, utiliza materiais descartados, fruto desse consumo, como forma de diminuir o impacto negativo no meio natural, tornando-se material precioso para o fazer artístico. Segundo Chiarelli (1999), o lixo é um resíduo encontrado como forma de expressão de arte, e, muitas vezes, encontra “o seu sentido, seu único espaço de transcendência” (CHIARELLI, 1999, p. 258).

A produção da artista brasileira Renata de Andrade, radicada na Europa, tem empregado vestígios desse lixo como expressão plástica e de crítica ao consumo desenfreado (Figura 61).

Figura 61 – Renata de Andrade Resende - *Objetos quadrados*, (1992)  
150x150x7cm Foto: Renata de Andrade Resende



Fonte: (Museu Victor Meirelles, 1992).

Seu trabalho apresenta a coleção de alguns objetos industrializados descartados pela sociedade, como garrafas, tampinhas, sacolas plásticas, papelões, retirados das ruas e reciclados pela arte. Ao desprovê-los da função

original, esses objetos apresentam uma infinidade de significação e voltam a ter sentido pela obra da artista.

Para Ferreira (2005, p.1), “a nossa civilização chega ao limiar do século XXI como a civilização dos resíduos, marcada pelo desperdício e pelas contradições de um desenvolvimento industrial e tecnológico sem precedentes na história da humanidade”, pois o homem com sua visão egocêntrica ignora o que está acontecendo com o meio ambiente; ao contrário, utiliza a natureza para depositar os dejetos que produz.

As questões ambientais têm exercido uma forte influência nos custos econômicos de produtos e serviços e a proteção e a conservação do meio ambiente têm se tornado um importante campo de atuação para governos, indústrias, grupos sociais e indivíduos (TOCCHETTO, 2013). De acordo com a pesquisadora, o grande desafio das empresas no século XXI é atender as necessidades da população conciliando o desenvolvimento, com o respeito e a crescente pressão ambiental.

Para Leonardo Boff (2012), é uma questão fundamental repensar novos paradigmas sobre a Terra. Para ele, “repensar significa buscar um modelo de desenvolvimento comprometido, acima de tudo, com a preservação da vida no planeta, não apenas no sentido dos cuidados com a natureza (ecologia natural), mas de arquitetar um novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (ecologia integral).” (AS QUATRO ECOLOGIAS, 2012, p.32)

Se pensarmos que somos uma pequena porção em relação ao Universo, precisamos, com urgência, repensar nossos fazeres e, junto com isso, entendermos que estamos, inevitavelmente, interligados a tudo que compõe o ambiente em que estamos inseridos e, dele dependemos, seja em qual nível de codependência ele ocorra. É certo que a questão ambiental foi chamando a atenção, ao longo do tempo, de cidadãos de todo o mundo. As discussões sobre a destruição do meio ambiente, a possibilidade do fim de recursos não renováveis do planeta e a estimativa de catástrofes mundiais em décadas não distantes levaram as Nações Unidas a promover uma Conferência para o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, em 1972.

Foi durante essa Conferência que a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o Dia Mundial do Meio Ambiente, que passou a ser comemorado todo dia 05 de junho, e tem como objetivo principal chamar a atenção da população do mundo inteiro para os problemas ambientais, bem como para a importância da

preservação dos recursos naturais, considerados inesgotáveis, por muitos de nós. Também nessa Conferência, que ficou conhecida como Conferência de Estocolmo, iniciou-se uma mudança no modo de ver e tratar as questões ambientais ao redor do mundo, além de serem estabelecidos princípios para orientar a política ambiental em todo o planeta, mas, apesar de sua importância, os problemas não se resolveram.

A atuação do homem continua a ter impacto negativo sobre o meio ambiente. A poluição, o uso exagerado dos recursos naturais, desmatamento, desperdício de água, esgotamento do solo, destruição de habitats são fonte de preocupações constantes. Se os governos não mudarem suas políticas e nós não adotarmos mudanças imediatas nos nossos hábitos de vida diários, o nosso futuro próximo será comprometido, comprometendo, inclusive, nossa sobrevivência.

Dentre os principais problemas que afetam o meio ambiente, nesta pesquisa, destacamos o descarte inadequado de lixo, fruto do consumo exagerado da sociedade contemporânea, a falta de coleta seletiva e de projetos de reciclagem. Mais uma vez enfatizamos a necessidade de que os governantes e a população se conscientizem e evitem a potencialização dos problemas ambientais.

Em Santa Maria, local onde realizo esta pesquisa não existe uma política específica para o descarte; segundo Tocchetto (2020), a Prefeitura Municipal utiliza o modelo de coleta de recicláveis utilizado na UFSM. Em novembro de 2019 podemos considerar que houve um avanço nesse sentido, pois foram instalados 50 novos containers para coleta de produtos recicláveis em Santa Maria. Os equipamentos são identificados como eco pontos. Para os moradores, a orientação agora é separar o lixo em casa. O que é material orgânico deve ser depositado nos contêineres de cor cinza, que já existiam, onde o lixo era depositado, sem seleção. A partir da instalação dos novos containers, os itens recicláveis, vão para os de cor laranja. Papel, vidro, plástico e metal já podem ser destinados, pelo container, diretamente para a reciclagem. A campanha da prefeitura se chama *Recicle no Laranja*. A coleta dos materiais é feita pela empresa Conesul. Conforme Gerson Vargas Peixoto, Superintendente de Licenciamento, Controle Ambiental e Animal do Município, o material coletado é destinado à Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável (ASMAR). Porém, segundo Peixoto, isso não impede e até facilita para que seccionadores de lixo também recolham materiais dos containers.

São 50 pontos de coleta dos containers cor de laranja, figura 62, na mesma região dos tradicionais cinzas. A expectativa é aumentar o número conforme a aceitação da comunidade. Conforme a Prefeitura de Santa Maria, no município são produzidas cerca de 6 mil toneladas de resíduos por mês. Desse total, uma média de 35% é de material reciclável (papel, plástico, vidro e metal), 50% são de resíduos orgânicos e 15% são rejeitos) (PREFEITURA DE SANTA MARIA, 2020)<sup>28</sup>.

Figura 62 – João Alves – Prefeitura Municipal (2019) - Fotografia de container reciclável



Fonte: (GAUCHAZH.CLICRBS, 2019).

Tendo em vista o acentuado crescimento dos problemas ambientais, muitos conceitos merecem ser revistos tanto pelos governantes quanto pela população para que os impactos sejam minimizados. Pesquisadores sinalizam que devemos repensar nossas ações sobre a Terra. Para eles, essas ações devem ser fundamentas em novos modelos de desenvolvimento. Isso “significa buscar um modelo de desenvolvimento comprometido, acima de tudo, com a preservação da

---

<sup>28</sup> Reportagem completa disponível em: ([gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2019](http://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2019)), durante cerimônia de entrega dos containers para os eco pontos.

vida no planeta, não apenas no sentido dos cuidados com a natureza (ecologia natural), mas de arquitetar um novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (ecologia integral)” (BOFF, 2012, p. 32).

A mudança deve ser mundial, mas é fundamental que cada um faça a sua parte e que toda a sociedade reivindique o cumprimento das leis ambientais. Todos nós devemos assumir uma postura de responsabilidade ambiental, pois só assim conseguiremos mudar o comportamento atual.

Cabe lembrar que os problemas que afetam a humanidade e o planeta atravessam fronteiras e tornam-se globais com o processo de globalização que se acelera neste final de século XX. Questões como produção, comércio, capital financeiro, migrações, pobreza, danos ambientais, desemprego, informatização, telecomunicações, enfim, as grandes questões econômicas, sociais, ecológicas e políticas deixaram de ser apenas nacionais, tornaram-se transnacionais. É nesse contexto que nasce hoje o conceito de cidadão do mundo, de cidadania planetária, que vem sendo construída pela sociedade civil de todos os países, em contraposição ao poder político do Estado e ao poder econômico do mercado. (VIEIRA, 1999, p. 68).

A Conferência de Estocolmo estabeleceu que: “A proteção e o melhoramento do meio ambiente humano é uma questão fundamental que afeta o bem-estar dos povos e o desenvolvimento econômico do mundo inteiro, um desejo urgente dos povos de todo o mundo e um dever de todos os governos.” (ONU, 1972).

Naquele momento já se assinalava a necessidade da humanidade discutir o presente em função de um futuro que respondesse às necessidades das nações. Segundo Gadotti (2000), foi a primeira vez que a preocupação com o meio ambiente entrava na agenda internacional como um problema decorrente do crescimento econômico. Infelizmente, até o momento presente o problema persiste sem que se tenha chegado a um consenso entre desenvolvimento econômico, sustentabilidade do planeta e as necessidades específicas de cada nação.

Para Guattari (2001), é necessário que o homem contemporâneo pense uma maneira de equilibrar-se com a natureza. O crescimento demográfico, a aceleração técnico-científica acarretam outros problemas, como por exemplo, o desemprego desenfreado. Há necessidade de um equilíbrio para tentar barrar a deterioração que assistimos diariamente, como as redes de parentesco reduzidas, a vida doméstica consumida pela mídia. Continuando seu pensamento Guattari propõe uma

articulação ético-política, a ecosofia<sup>29</sup>, (conceito estudado por ele) entre o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

Para ele, o que está em questão é a maneira de se viver no planeta daqui em diante. O impacto humano no meio ambiente é evidente. Mas será que essas mudanças são realmente intensas e duradouras a ponto de ficar gravadas na rocha? É isso que os geólogos discutem. Mas, enquanto a geologia caminha a passos lentos – afinal uma montanha não surge do dia para a noite –, o debate do antropocentro continua em velocidade industrial. Para ativistas e ambientalistas, a ideia da nova época praticamente reúne tudo o que eles vêm argumentando há décadas: de que a atividade humana está interferindo no planeta colocando em risco a própria sobrevivência da humanidade: “é assim, a partir de uma posição que se pode dizer ‘humanista’, ou mesmo antropocentrista, que a natureza, de um modo apenas indireto, é levada em consideração. Ela é apenas o que circunda o ser humano, a periferia, e não o centro”. (FERRY, 2009, p. 30).

A afirmação de Ferry nos induz a acreditar que a natureza não possui direitos, o homem exerce o papel de destaque e de superioridade, esquecendo-se que ele é parte dessa natureza que tudo provê. A consciência afinada dessa condição pode trazer o equilíbrio necessário do homem com seu entorno.

O Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, Figura 63, é um museu de ciências aplicadas que explora as oportunidades e os desafios que a humanidade terá de enfrentar nas próximas décadas a partir das perspectivas da sustentabilidade e da convivência. Por meio de ambientes audiovisuais, instalações interativas e jogos criados, o visitante é convidado a se engajar, por exemplo, em uma reflexão sobre a era do Antropoceno<sup>30</sup>, quando o homem se tornou força planetária capaz de alterar o clima, degradar biomas e interferir em ecossistemas. São abordadas questões como o crescimento da população; o aumento da longevidade; os padrões

---

<sup>29</sup> O **conceito de Ecosofia** foi criado pelo filósofo francês Félix **Guattari**, que expressa as formas como os sujeitos interagem entre si e com o meio ambiente, a partir do conhecimento de práticas ambientais sustentáveis no processo inclusão do sujeito no meio ambiente e parte da natureza, para preservação e conscientização ...

<sup>30</sup> O **Antropoceno** é o nome de um novo intervalo de tempo geológico proposto (provavelmente uma época) que pode logo entrar na Escala de Tempo Geológico oficial. O **Antropoceno** é definido pela influência humana na Terra, onde nós nos tornamos uma força geológica a moldar a paisagem global e a evolução do nosso planeta.

de consumo; as mudanças climáticas; a manipulação genética e bioética; a distribuição de renda; os avanços da tecnologia e as alterações da biodiversidade.

Figura 63 – Museu do Amanhã, (2015) – Orla do Rio de Janeiro, RJ



Fonte: (Luiz Ackermann / Agência O Globo, 2015).

Cada vez mais temos consciência de que mudar hábitos de consumo e descarte é fundamental para a saúde do ecossistema, mas é necessário que essa mudança seja fundada em pilares possíveis.

É evidente que uma responsabilidade e uma gestão mais coletiva se impõem para orientar as ciências e as técnicas em direção a finalidades mais humanas. Não podemos nos deixar guiar cegamente pelos tecnocratas dos aparelhos de Estado para controlar as evoluções e conjurar os riscos nesses domínios, regidos no essencial pelos princípios da economia de lucro. (GUATTARI, 2001, p. 24).

Sem dúvida, precisamos refletir sobre esse estado contemporâneo de pensar, fundamentado principalmente no lucro, e de certa maneira tentar reverter esse pensamento vigente em ações comprometidas com a sustentabilidade do planeta, que, no final de contas, implicam na existência de um futuro possível, ou não. Acredito ser possível valer-nos da arte para questionar os problemas ambientais com o objetivo de fundamentar reflexões dentro de um ativismo cultural voltado à ecologia. Através de trabalhos artísticos podemos evidenciar a relação perturbada da sociedade com a natureza, incentivando a urgência de ações que

ajudem na mudança de hábitos e consciências. Nesse sentido, acredito que a fotografia exerce um papel fundamental nessa relação da arte com a realidade fotografada. Dar visibilidade ao que parece insignificante nessa reciclagem e criar novos conceitos das aparências fotografadas, permite constatar que nada é impossível para a arte.

É nesse sentido que minha pesquisa em artes visuais tem a pretensão de contribuir, criando, pensando e interrogando a partir da criação artística, onde o sensível perpassa as obras e mostre alternativas para que todos sejam atendidos nas suas necessidades, num mundo mais sustentável. O trabalho *O Reverso*, Figura 64, propõe uma reciclagem do olhar para os objetos inservíveis, que são frutos do descarte urbano, e que são jogados de forma indiscriminada na natureza.

Figura 64 – Jane Zofoli - *Reverso*, (2019) – Foto montagem sobre sucata de aço 0,90x0, 50mx0, 50m. Foto: Jane Zofoli.



Fonte: (ZOFOLI, 2019).

Na elaboração do trabalho *Reverso*, através de foto instalação utilizo diferentes matérias, com a intenção de demonstrar variadas potencialidades de materiais, como o aço de placas descartadas no ambiente urbano e o vidro com sua

fluidez, transparência, onde são adesivadas imagens fotográficas de materiais descartados. Muitas vezes, ao confrontarmos nossos pares com imagens impactantes, pois ressignificadas através de expressões artísticas, e, neste caso, utilizando a fotografia, ultrapassamos a barreira do racional e tocamos o espectador. Sensibilizar por imagens e as sensações que elas proporcionam, vale, muitas vezes, mais que um discurso onde as palavras não fazem eco. Dubois assim se refere ao falar em fotografia: “A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que se mostra” (DUBOIS, 1993, p. 25).

Baseada no conceito de corte de Dubois, em *O Ato Fotográfico*, em que ele afirma que a fotografia “é a arte da seleção”, onde o corte tem um papel destacado, no meu trabalho *O Reverso*, esse corte tem uma implicação direta na reciclagem do olhar voltado para o descarte urbano e industrial da sociedade atual. Posso dizer que a construção dessa experiência poética passa pelo corte, pois é a ação que traz para a visibilidade o que no meio ambiente é nocivo, mas que, em contrapartida, é também decisiva da estética da fotografia realizada e requerida neste trabalho.

Cada vez mais, no mundo todo, artistas se comprometem trazendo com suas obras uma efetiva contribuição para o pensamento relativo aos problemas que afetam nosso Planeta. O artista visual Eduardo Srur<sup>31</sup> realiza grandes intervenções urbanas, que chamam a atenção de milhões de pessoas para a questão ambiental. A interferência no cenário urbano com esculturas flutuantes monumentais, na forma de garrafas de refrigerantes, dialoga com a questão ambiental e faz um importante alerta sobre os problemas vivenciados nas grandes cidades, como o excesso de resíduos.

É preciso reciclar as ideias, reciclar o olhar e a forma como enxergamos a realidade e, principalmente, reciclar a função da arte na sociedade, propondo sua existência na vida das pessoas por meio de práticas e ações mais acessíveis. A arte deve ir além do horizonte, romper fronteiras. Se você tem medo, vista o colete salva-vidas e siga em frente. (PÁGINA DO ARTISTA E ITAÚ CULTURAL).

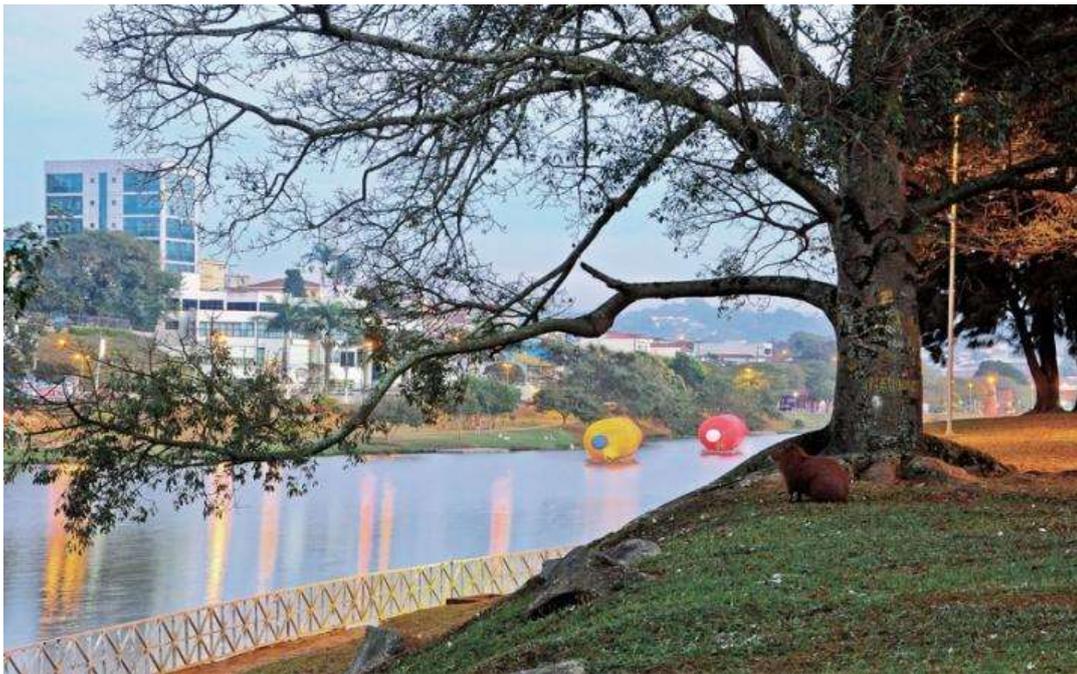
Para o artista, são fundamentais ações que chamem a atenção, de forma humorada, dos problemas causados pelos resíduos urbanos jogados nas vias

---

<sup>31</sup> Eduardo Srur nasceu em 1974 na cidade de São Paulo; o artista começou com a pintura e se destacou nas intervenções urbanas. Suas obras se utilizam do espaço público para chamar a atenção para questões ambientais e o cotidiano nas metrópoles, sempre com o objetivo de ampliar a presença da arte na sociedade e aproximá-la da vida das pessoas

públicas. Sua obra, Figura 65, remete ao contexto da paisagem urbana contaminada para um significado ecológico, com uma navegação poética e compartilhada com o público, durante a intervenção.

Figura 65 – E. Srur- Intervenção urbana no Rio Tietê, São Paulo, (2008) - Foto: Gui Yuji



Fonte: (Instituto Goethe e Artes Magazine, 2010).

Srur participou da Bienal Internacional de Arte Contemporânea da América do Sul (Bienal Sur), na Argentina, em 2017 com essa obra, que, sem dúvida, deu uma visibilidade suplementar aos problemas que ela comporta.

Outra obra de Srur, *Caiaque*, Figura 66, apresenta dezenas de caiaques, tripulados por manequins que flutuaram sobre as águas poluídas do Rio Pinheiro em São Paulo, SP e promoveram um curto-circuito visual na cidade. A intervenção recria atividades de remo na metrópole, até a década de 1920. O rio, contaminado, é fruto dos hábitos da população e descaso do governo. O impacto causado pela cena certamente foi importante para propor um novo comportamento nas milhares de pessoas que passam diariamente pelo local. O artista, com seu trabalho sensível, certamente gerou reflexões. Nas últimas semanas da exposição, o lixo da cidade se juntou às esculturas, criando uma imensa ilha de resíduos e alterando

radicalmente a composição da obra. Na figura, o momento em que a obra de Srur fica “encalhada” no lixo.

Figura 66 – Eduardo Srur – *Caiaque*, (2006) - plástico e remos de alumínio, manequins de plástico; 3,60x0,78x1,10m; - Foto: Eduardo Nicolau



Fonte: (NICOLAU, 2006).

Considero o trabalho de Srur grandioso. As intervenções são itinerantes e de uma forma poética fazem uma crítica ao consumo exagerado, neste caso, de plástico. Por outro lado, ele também exagera ao utilizar grande volume de matérias que possivelmente não sejam ecologicamente sustentáveis. Esteticamente interessante, ao mesmo tempo também polui. Na realização de meu trabalho busco utilizar materiais inservíveis, retirando-os do contato direto com o solo, para evitar danos ao meio ambiente, pela infiltração causada pelo desgaste natural dos materiais dando-lhes outro destino. Nesse sentido, vejo um distanciamento de Srur, pois utilizo essencialmente material de descarte, para compor meu trabalho.

#### 4.2 POÉTICA: UM OLHAR SOBRE O CADENA

O Arroio Cadena é o mais importante fluxo de água de Santa Maria e passa por 16 de seus 25 bairros. Infelizmente, apesar de sua importância, suas margens e o próprio riacho são tomados pelo descarte inapropriado. São descartes de

resíduos químicos: provenientes da indústria, como óleos, tintas, entre outros, físicos: como sofás, geladeiras, televisão, plásticos e biológico: como animais, e o pior, esgoto direto. Durante a pesquisa de campo defrontei-me com um riacho em estado lamentável, com um cheiro que beira ao insuportável. Nas próximas fotografias pretendo mostrar esse problema de ordem pública e tentar sensibilizar a população local e alertar as autoridades locais para que esse problema que afeta todos nós, seja solucionado. Nesta realização artística, busquei focar a cor, o céu refletido na água, assim como um conteúdo em nada poético dos objetos que compõem cada fotografia realizada do Arroio Cadena.

A fotografia, Figura 67, mostra blocos de concreto e restos de ferro despejados por um caminhão, nas margens do riacho, certamente proveniente de alguma construção. São blocos de tamanhos diversos que parecem apontar para a mesma direção, numa organização de formas, determinando ideia de volume e tonalidade neutra, contrastando com a linearidade do ferro disposto em barras finas à esquerda da imagem. O verde das folhas, à esquerda da fotografia, indica a natureza, sufocada pelo descarte presente nessa cena. Que medidas são tomadas para evitar esse tipo de descarte?

Figura 67 – Jane Zofoli - S/título, (2020) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Luz e sombra se apresentam nessa fotografia, Figura 68, em que objetos de cores iguais ou similares se retorcem, gerando uma manifestação de ordem visual, facilitando a identificação das estruturas compositivas descartadas, carregando na identificação à sua ordem visual uma significação que não é passível de ser desligada de ininterruptas análises. O amontoado de pneus deixados nas margem do Cadena representam muitos danos ao ambiente. Além disso, o material desses pneus poderia ter outro fim. O reaproveitamento correto dos resíduos pode gerar lucros e também, em contra partida, apresentar uma visão sustentável para o futuro.

Figura 68 – Jane Zofoli – S/título, (2020), Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

O riacho, a margem e os produtos jogados. Esta é a cena que vemos de cima da ponte, Figura 69, e, pela sua visibilidade extrema, diz muito dessa realidade vista. As águas, nos dias escaldante de fevereiro, não poderiam refrescar as crianças, ou até quem sabe, acariciar os pés de pessoas mais velhas que vivem nos arredores ao invés de inalar a poluição que o riacho exala? Seria muito reivindicar outra realidade para Santa Maria? Até quando as autoridades políticas continuarão tratando o Arroio como ponto cego quando ele é visto e, sobretudo sentido pelos

odores que exala? A olhos vistos esse descarte se revela menos clandestino que inconsciente. Não seria o caso de educar e implicar a população ribeirinha para que cesse este tipo de rejeitos inadequados? Se a arte não pode tudo, aqui ela revela e indica um problema que deve ser resolvido, a começar por implicar os residentes em ações que possam, senão solucionar, minimizar este problema.

Figura 69 – Jane Zofoli – S/título, (2020) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Imagem de animal silvestre vivo e notadamente “descartado” em riacho muito poluído em Santa Maria, Figura 70, provavelmente, diante de um diagnóstico autônomo de saúde, à revelia das orientações de encaminhamento legal, ou por receio de represália por uma captura e aprisionamento contraventor? Representa ainda esta imagem uma elevada despreocupação ambiental e sanitária. Cada variedade do que é descartado tem o próprio impacto emocional, e, nesta foto, não se consegue generalizar. A mesma gera uma tempestade na alma e invoca uma vitrine de sentimentos.

Essa tartaruga marinha, que possivelmente alguém trouxe de alguma viagem como souvenir, que provavelmente cresceu e perdeu a graça, restando-lhe o triste destino do descarte. Esse, entre tantos outros descartes inapropriados, através da visibilidade fotográfica, não deixa de ser um grito de alerta para que uma solução sustentável torne-se efetiva. Acredito que isto poderá ocorrer quando as associações de catadores, políticos e interessados falem de uma só voz convocando a população para a resolução de um problema de ordem pública que atinge todos integrantes desta localidade.

Figura 70 – Jane Zofoli – S/título, (2020) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS.



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Observamos na fotografia, Figura 71, a água do Riacho Cadena ao fundo, abraçada pelas árvores, vestidas de cores e trapos. Junto a elas restos de plástico, sacos de cimento, latas, certamente jogados na calada da noite ou à luz do dia. A fotografia pela sua força de imagem testemunha uma triste realidade e, ao mesmo tempo, deixa subentendido, pela sua composição estética, a necessidade de ações

coerentes com uma política de sustentabilidade do meio ambiente. O descaso criou uma instalação desastrosa que, no entanto, a fotografia estabilizou e transformou em um ato de ver para pensar: percebe-se diferentes texturas nos materiais em branco, palha e cinza, cortados por ocre e azul, que parecem uma palheta de cores impressionista, sobre fundo escuro em tons chumbo conferem suavidade à imagem. O verde das folhas e o cru dos galhos emolduram a cena.

Figura 71 – Jane Zofoli – S/título, (2020) - Fotografia 30x21cm - Santa Maria, RS



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Se a fotografia reúne condições estéticas da realidade fotografada, ela mostra também a sucata literalmente aterrada. Ela revela o nível do descaso em total desacerto com a natureza, que parece ter ficado com um breve espaço para respirar. Nesse caso, configurando uma captação interna, de dentro para fora, na imagem, que deveria ser simples e inspiradora, ela retrata a sobreposição do bom senso sobre a irresponsabilidade e a consciência. Natureza desorganizada pela ação (im)pensada do homem.

#### 4.3 DESC-ARTE: APRESENTAÇÃO FINAL

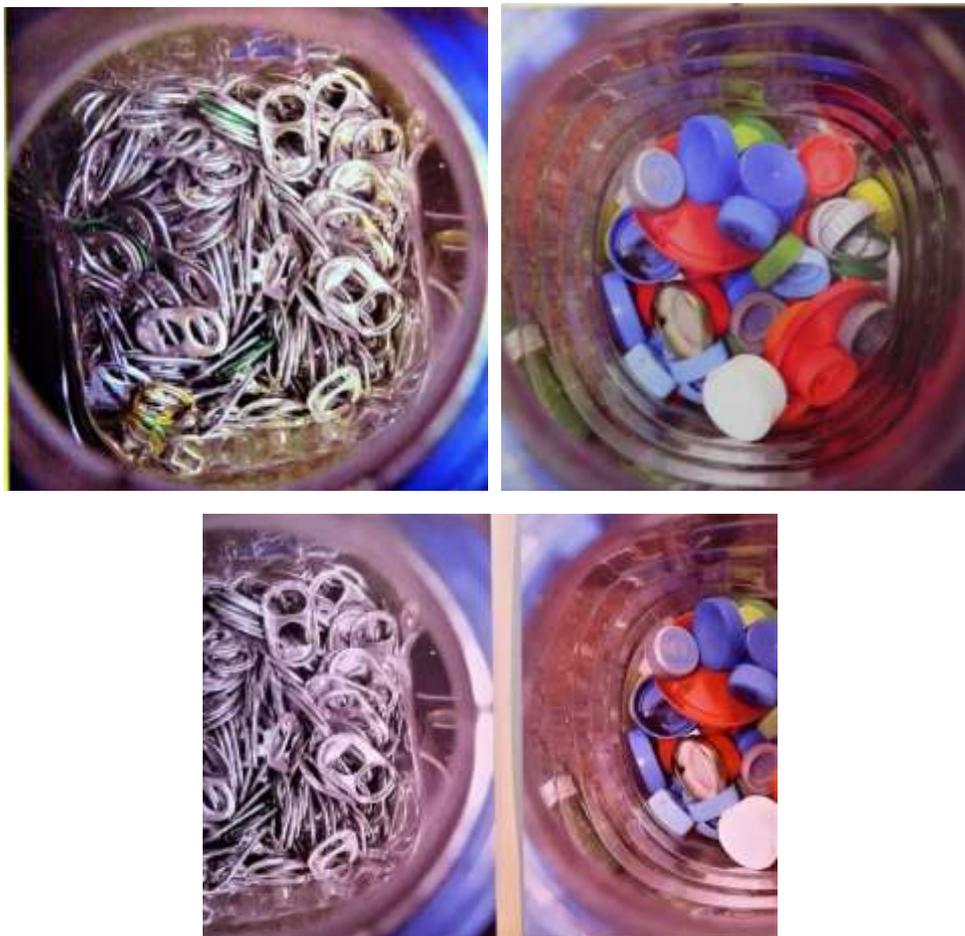
Devido às circunstâncias de isolamento social, causado pela pandemia COVID 19, que assola o mundo neste ano de 2020, minha defesa de mestrado se deu de modo remoto. Na impossibilidade de montar uma exposição na sala Claudio Carriconde (CAL, UFSM), habitualmente reservada para esse fim, a montei em minha casa para que a banca arguidora pudesse analisar o conjunto dos trabalhos realizados. Acredito ter reunido um conjunto de obras significativas de transfiguração do descarte à arte esperando que outros se sensibilizarão com um problema que é de todos: o descarte consciente em vista de uma real sustentabilidade do nosso meio ambiente (Figura 72).

Figura 72 – Jane Zofoli -Visão geral da Exposição, (2020) - Santa Maria, RS –Foto: Raquel Fonseca



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Figuras 73 e 74 – Jane Zofoli – *Recicláveis I e II*, (2020) - Fotografia digital -Santa Maria, RS – Foto Jane Zofoli



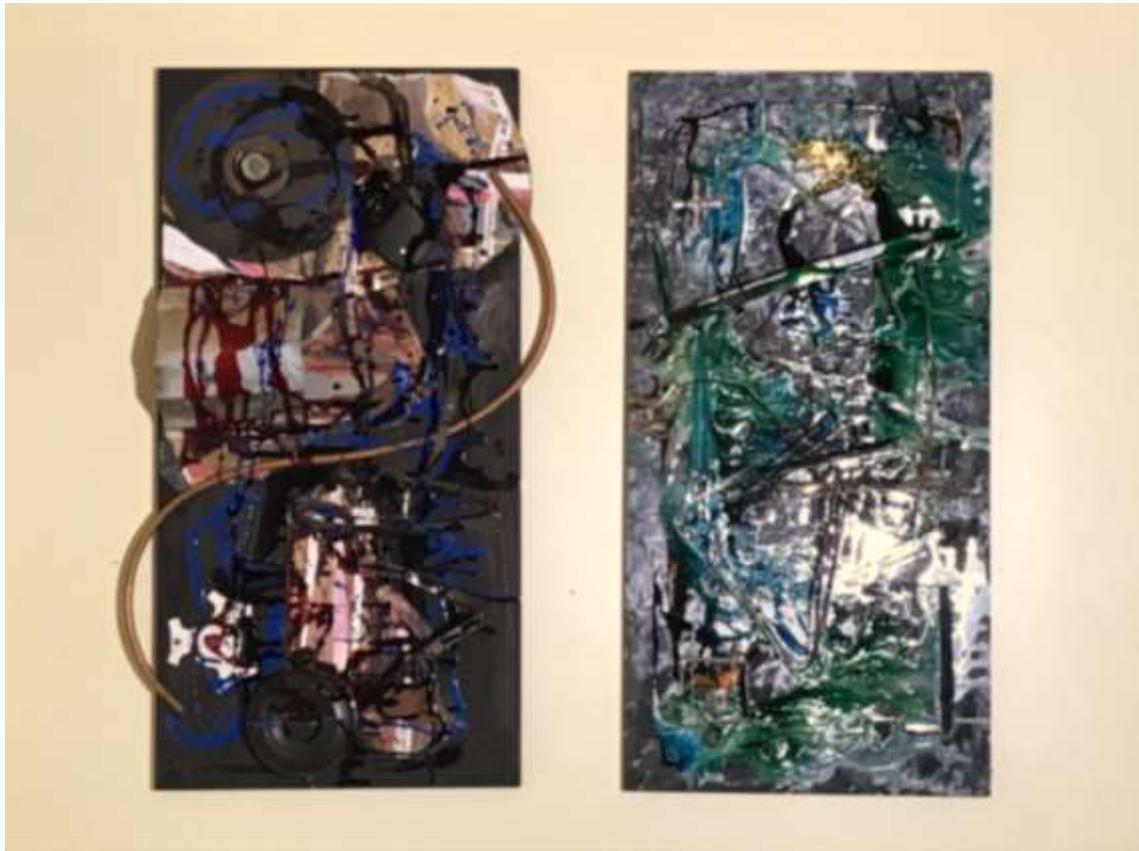
Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Figuras 75 e 76 – Jane Zofoli - Fotografia *Sucata em metal I e II*, (2020) - Santa Maria, RS – Foto Jane Zofoli.



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Figura 77 - Jane Zofoli, *Desenho expandido I e II* (2020) - Santa Maria, RS – Foto: Jane Zofoli



Fonte: (ZÓFOLI, 2020).

Figura 78 – Jane Zofoli, *Detalhes desenho* (2020) - Santa Maria, RS – Foto: Raquel Fonseca



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Figuras 79, 80 e 81– Jane Zofoli - Desc-arte; serigrafia e reciclagem domésticas (2020) - Santa Maria, RS – Foto: Raquel Fonseca



Fonte: (ZOFOLI, 2020).

Figuras 82 e 83 – Jane Zofoli, Desc-arte; serigrafia e reciclagem domésticas (2020) - Santa Maria, RS – Foto: Jane Zofoli



Fonte: (ZOFOLI 2020).

Esta mostra indica pistas para encaminhamentos futuros com opções comportamentais ou existenciais em prol de uma cultura conscientemente sustentável. Afinal, nossos objetos de consumo não se liquifazem uma vez descartados; eles acarretam, com certeza, um imenso problema ecológico que recai sobre a vida ambiental e, conseqüente, sobre seu grande predador, o homem. Os sacos de tecido, com serigrafia contendo palavras como descarte, meio ambiente,

fotografia utilizados para armazenar garrafas, lâmpadas, pilhas, do projeto Des-Arte foi ofertado à Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável (ASMAR).

Os lacres de alumínio e as tampinhas de plástico que recolhi durante a realização desta pesquisa de Mestrado, Poética do desc-arte: fotografia e meio ambiente em Santa Maria, serão doados para um projeto que investe na reciclagem para ajudar esportes adaptados em Santa Maria, incentivando e valorizando o projeto *Tampinha Paratleta* sob a responsabilidade do senhor Denilson Souza.

Para visualizar a reportagem feita no decorrer da pesquisa acessar link UFSM: <http://coral.ufsm.br/midia/?p=42601>.

Durante a pesquisa recolhi tampinhas e lacres de alumínio de muitas pessoas, que continuarão a doação. A coleta segue e entregarei para a professora Cilene Martins, que me apresentou ao projeto.

Com isso acredito que a pesquisa em arte, além do objetivo de ressignificar o olhar através da fotografia, sobre o descarte, também cumpriu uma função social.

Como complemento deste trabalho farei um artigo extraído do contexto desta Dissertação, utilizando fotografias feitas durante o Mestrado e levarei para as autoridades da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Santa Maria, como uma contribuição de um trabalho acadêmico sobre o descarte e suas implicações com o meio ambiente, ressignificado pelo olhar da fotografia para a sociedade de Santa Maria.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formalização do conteúdo teórico desta pesquisa decorre da prática artística centrada sobre o descarte na sociedade contemporânea. Portanto a presente pesquisa se deve a um processo de conscientização da relevância de um trabalho voltado para o descarte efetuado certamente de maneira equivocada na natureza, é fácil percebê-lo como um problema que cotidianamente se torna ainda mais recorrente. Esta pesquisa de Mestrado em Artes Visuais na linha de pesquisa em Arte e tecnologia, levantou muitos questionamentos entre eles a razão de minha implicação nesse problema. Um turbilhão de respostas me ocorreu, mas a que ficou gravada foi: porque isto me inquieta.

Esse sentimento me move, e, vendo o mundo transformado em consumo sem medida, com conseqüente descarte em escala geométrica, decidi que o que me agita é o desejo de provocar com imagens, tentando, de alguma forma, mudar pensares. É uma pretensão arrojada, mas isso me motivou inicialmente. Adentrar no mundo da pesquisa, especialmente da fotografia, para o propósito de ressignificar olhares, numa proposta de trabalho onde a poética ocupa um lugar de destaque foi o desdobramento da ideia inicial.

Nesses quatro semestres, vivi momentos de expectativas, de incertezas o que é normal nesse tipo de trabalho. Mas, na medida em que o tempo passava, a pesquisa me fascinava mais e mais, exigindo outras leituras, pois a conclusão é que nada sabia.

O projeto foi tomando forma e a pesquisa avançou literalmente. As fotografias foram muitas e intensificaram-se, confirmando o descarte como material/objeto pesquisado. A fotografia, o vídeo, entre outras linguagens foi a forma de minha expressão poética. Trabalhar com afinco, para entender essa poética, na sutileza manual de que eu sou capaz, foi minha meta. Abusar da transdisciplinaridade, para unir arte contemporânea, fotografia, descarte, meio ambiente. Na tentativa de uma atividade que lembre minha melhor manifestação de ordem estética e comunicativa. Fotografar descartes para provocar pensares.

Ampliar o pensamento que para a arte nada é impossível, uma vez que ela responde às necessidades humanas. Então, mudar e ampliar a arte permite a constatação de que, realmente, nada é absoluto. Por fim, gostaria de dizer que

tenho a consciência de ter dado apenas pequenos passos para pensar o descarte através de um olhar novo, ressignificado pela fotografia.

A partir da decisão que tomei, redigi esta dissertação, abordando os conceitos necessários sobre fotografia, tais como visibilidade, transformação estética, arte e não arte, ressignificação, sustentando-as com teóricos relevantes como Roland Barthes, François Soulages, Susan Sontag, Philippe Dubois, Walter Benjamin. Dentre os artistas, os quais me auxiliaram às inferências necessárias dos esclarecimentos pertinentes e às questões da arte no descarte, em que Michael Pinsky, Roland Barthes, Vik Muniz, Mandy Barker, Daniel Beltrá foram enfáticos para tal transcorrer. O tema e assuntos aqui estudados permitiram-me questionar e indicar possíveis caminhos que possam minimizar os problemas causados pelo descarte. Entre eles, o que fazer dos lixos que vemos nos leitos dos mananciais, afetando negativamente os recursos naturais? Aceitar essa continuação sem que nos preocupemos com a devastação causada?

Pensando nisso, estou certa de que a fotografia contribuiu intensamente, dando uma visibilidade que favoreceu um pensamento afinado sobre o problema do descarte, considerando que sua força transformadora vai além dos limites da própria representação. Também destaco que a pesquisa realizada em Santa Maria e seus arredores representou uma importante referência ao presente desenvolvimento, especialmente, no primeiro capítulo desta dissertação, revelando um panorama inquietante e a urgência de ações que permitam pelo menos tornar mínimos os efeitos de descartes cruéis e mal organizados que geram, por conseguinte, agentes infinitamente poluidores. A experiência prática, reafirmo, representa um caminho de duplo sentido, considerando que ver e fazer ver, através da fotografia, o que na realidade já não vemos mais, ou, tampouco damos importância, parafraseando um poeta, lembra que a realidade mais de perto se vai mudando em medo de enxergar. E enfatizo igualmente o questionamento: não estaríamos aqui configurando já o ato de uma possível política sustentável do descarte?

Ao abordar os objetos do descarte a poética se confirmava assim como a estética deste objeto de estudo no trânsito do descarte à arte. Foquei principalmente em objetos plásticos e metálicos, já que a realização poética da fotografia se distancia aos poucos da bi dimensionalidade que lhe é própria para ocupar o espaço da foto instalação e da projeção de vídeos. Igualmente os objetos de descarte são utilizados em telas numa composição que cruza fotografias e desenhos

devidamente sustentados. Em Adorno encontrei sustentação para o pensamento teórico pela sua visão crítica do capitalismo e aceitação de novos materiais para a arte. No processo poético, tendo tomo como referência Alejandro Duran, Nuno Ramos e Sayaka Ganz, minha poética se construiu na tentativa de trazer uma contribuição para a pesquisa em artes visuais e, finalmente, para a sociedade.

Concluindo o devido aprofundamento das questões elencadas sobre o descarte no campo das artes visuais, os problemas ambientais e fatores que levam à degradação causada pela sociedade atual tiveram uma atenção particular, ao considerar que a relevante contribuição da arte à sustentabilidade do meio ambiente. Nesse sentido, revelando os problemas que interferem negativamente no meio ambiente e que, por conseguinte, interferem negativamente à vida e devem enfatizar o interesse de muitas outras pesquisas nessa área.

É um fato que a arte é questionadora e, particularmente, através da fotografia, revela questões que nem sempre percebemos de maneira natural, considerando que ela apresenta com extrema visibilidade para além do que rejeitamos.

Por todas as razões aqui expostas, destaco ainda que é urgente que ressaltemos a ausência de percepções e preocupações relacionadas ao meio ambiente especialmente, diante da observação que realizei em todos os tipos possíveis de rejeitos em Santa Maria. É certo que através do trabalho em artes visuais, Poética do desc-arte: fotografia e meio ambiente em Santa Maria, com pretensão de sensibilizar para além da esfera da cultura, destacamos a importância de ações sustentáveis para nossa sociedade. Consciência que muitos artistas vêm despertando através de obras que engajam a população a repensar atitudes e gestos em favor do meio ambiente.

Considero também que os diferentes contextos em que realizamos pesquisas e estudos representam um ciclo contínuo, mediante a ação de colocar em prática novos olhares e práticas necessárias a outras considerações mais iminentes, inspiradoras e provocativas, Certamente outros estudiosos e acadêmicos poderão continuar outras pesquisas com vistas à transformação da cultura equivocada em relação ao descarte que hoje ainda persiste.

Escrever esta dissertação trouxe uma oportunidade pessoal de repensar o que é notadamente feito e pensado em relação aos cuidados com o meio ambiente. A partir desta pesquisa espero, no mínimo, gerar pensamentos inquietantes, que

funcionem como um complemento ao que expus e propus ao longo do que busquei retratar.

Ademais, esta dissertação traz uma contribuição que indica pistas para interpretações complementares para que possam dar continuidade e aprofundamento à uma questão tão relevante nos dias de hoje, o descarte. Como nenhuma pesquisa esclarece profundamente a totalidade dos problemas que ela aborda, quero acreditar que Poética do desc-arte: fotografia e meio ambiente em Santa Maria terá novos (re)começos complementares e enriquecedores para a pesquisa em artes visuais.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA.EDU. **Manifiesto Antropoceno en Chile. Hacia un nuevo Pacto de Convivencia**. 2017. Disponível em: <https://www.academia.edu/28694598/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

AMAZÔNIA. **Fotografia à serviço do meio ambiente**. 2017. Disponível em: <http://amazonia.org.br/2017/02/fotografia-a-servico-do-meio-ambiente>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 120.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Pequena História da Fotografia**. Tatuapé, São Paulo, SP: Brasiliense, 1987, p. 101.

BLOG BEMGLO. **A artista Sayaka Ganz e sua arte sustentável e mágica**. Disponível em: <https://blog.bemglo.com/artista-sayaka-ganz-arte-sustentavel>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BOFF, Leonardo. **As Quatro Ecologias**. São Paulo, SP: Mar de Ideias, 2012.

BOFF, Leonardo. **O Antropoceno**. Disponível em: [leonardoboff.org/2011/02/14-o-antropoceno-uma-nova-era-geologica/](http://leonardoboff.org/2011/02/14-o-antropoceno-uma-nova-era-geologica/). Acesso: 20 mar. 2019.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**. São Paulo, SP: Vozes, 1999.

BOURRIAUD, Nicolas, **Radicante**, São Paulo, SP: Martins Fontes, 2011, p. 79.

BRASIL. **Meio Ambiente e Desenvolvimento**: Documentos Oficiais. Secretaria do Meio Ambiente – Coordenadoria de Educação Ambiental. São Paulo, 1993.

CAUQUELIN, Anna. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 2005.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte Internacional Brasileira**. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.

COLI, Jorge. **O que é Arte?** 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. Coleção primeiros passos, n. 46.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina Appenzeller - Campinas, SP: Papirus, 1993.

ECO-D. **Os plásticos descartados viram obras de arte nas mãos de Sayaka Ganz**. Disponível em:

<http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2013/janeiro/objetos-plasticos-descartados-viram-obras-de-arte#ixzz5frCFGbbR>. Acesso em: 15 fev. 2019.

E-CYCLE. **Artistas plásticos que se dedicam ao ativismo ambiental em suas obras**. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/component/content/article/35-atitude/3971-conheca-o-trabalho-de-10-artistas-plasticos-que-se-dedicam-ao-ativismo-ambiental-em-suas-obras-arte-sustentabilidade-contemporanea-instalacoes-.html>. Acesso em: 02 mar. 2019.

E-CYCLE. **Reciclagem**: o que é e qual a importância. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/2046-reciclagem>. Acesso em: 15 mar. 2019.

ENSAIOS. **Série Lixo Extraordinário**: montagem e imagem final. 2009. Disponível em: <http://suensaios.blogspot.com/2011/02/lixo>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FERREIRA, J. A. **Resíduos sólidos e lixo hospitalar**: uma discussão ética. Cad. Saúde Pública, v.11, n. 2, Rio de Janeiro, abr./jun. 2005.

FERRY, Luc. **A Nova Ordem Ecológica** – a árvore, o animal e o homem. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Bertrand Brasil Ltda., 2009.

FIDELIS, Gaudêncio. **Dilemas da Matéria**: procedimento, permanência e conservação em arte contemporânea – Gaudêncio Fidelis – Introdução de Vinício Giacomelli – Museu de Arte Contemporânea. Porto Alegre, RS: 2002, p. 242.

FLORES EM EL ÁRTICO. 2009. **Michel Pinsky**. Disponível em: [http://www.floresenelatico.es/uploaded\\_images/line-755049.jpg](http://www.floresenelatico.es/uploaded_images/line-755049.jpg). MichaelPinsky. Acesso em: 12 jan. 2019.

FLUSSER, VILÉM. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo, SP: Annablumme, 2011, p. 23.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Documentário sobre Vik Muniz**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/865628-documentario-sobre-vik-muniz-e-indicado-ao-oscar.shtml>. Acesso em 08 mar. 2019.

FONTCUBERTA, Joan. **A Câmera de Pandora**. São Paulo: G. Gili, 2012.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **A ressignificação da crise ambiental pela mídia de negócios**: responsabilidade empresarial e redenção pelo consumo. Galáxia (São Paulo, Online), n. 26. 2013.

FREITAS, Verlaine. **Adorno e a Arte contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008, p. 41.

FREITAS, Verlaine. **Adorno e a Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003, p. 25.

FREITAS, Verlaine. **Adorno e a Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 32. Ed. Companhia Editora Nacional. 2005.

GANZ, SAYAKA. **A Beleza improvável do lixo**: um olhar mais demorado. Disponível em: [http://obviousmag.org/archives/2012/08/sayaka\\_ganz-a-beleza-improvavel-do-lixo.html#ixzz6DndPU6YI](http://obviousmag.org/archives/2012/08/sayaka_ganz-a-beleza-improvavel-do-lixo.html#ixzz6DndPU6YI). Acesso em: 10 maio 2019.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

KRAUSS, Rosalind. **O Fotográfico**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

LEITE, Paulo Roberto. **Logística Reversa**: Meio Ambiente e Competitividade. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MONTIBELLER-FILHO, Gilberto. **O Mito do Desenvolvimento Sustentável**: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001. 306 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU Meio Ambiente aponta lacunas na reciclagem global de plástico**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-meio-ambiente-aponta-lacunas-na-reciclagem-global-de-plastico>. Acesso em: 20 fev. 2019.

PAREYSON, Luigi. **Estética, teoria da formatividade**. Petrópolis: Vozes, 1991.

PAZ, Octávio. **Marcel Duchamp e O Castelo da Pureza**. São Paulo, SP: Ed. Perspectiva, 2004.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Conferência sobre arte e meio ambiente**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/conferencia-de-tbilisi-1977/27425>. Acesso em: 12 fev. 2019.

RESENDE, Ricardo. **O lixo o belo e o nada**. Revista eletrônica um ponto e outro. Florianópolis, n. 5, abr. 2007.

REVISTA CEMPRES. 2019. **Gerenciamento integrado do lixo**. Disponível em: [www.cempre.org.br](http://www.cempre.org.br). Acesso: 05 de abr. 2019.

REVISTA GALILEU. **Site corais da Amazônia**. Daniel Beltrá, entrevista, fotografia fevereiro 2017. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/revista/common/artista+fotografia+restos+de+plastico+o+no+mar>. Acesso em: 10 jan. 2019.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes**. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

RODRIGUES, A. M. **Produção e Consumo do e no Espaço**: problemática ambiental urbana. São Paulo: Ed. Hucitec, 1998.

ROUILLÉ, André. **A Fotografia**: entre documento e arte contemporânea. Tradução Constança Egrejas. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

SONTAG, Susan. **Ao mesmo Tempo**: ensaios e discursos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1977

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: perda e permanência. Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

SRUR, Eduardo. **Intervenção urbana no Rio Pinheiro, São Paulo**. Disponível em: <http://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/pets>. Acesso em: 14 fev. 2019.

TAUNAY, Félix Émile. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23073/felix-taunay>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

TOCCHETTO, M. R. L. **Avaliação de desempenho ambiental: uma proposta face a estudos de impactos ambientais**. 2013. UFSM. Disponível em: [http://www.fiec.org.br/iel/bolsaderesiduos/gambiental\\_bv\\_artigos.asp](http://www.fiec.org.br/iel/bolsaderesiduos/gambiental_bv_artigos.asp). Acesso em: 08 mar. 2019.

TULIO PINTO. **PIPA, Janela para a arte contemporânea**. Disponível em: [www.tuliopinto.com](http://www.tuliopinto.com). Acesso em: 15 nov. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Estrutura e apresentação de monografias, dissertações e teses**: MDT 15. Ed. da UFSM, 2015. Disponível em: [https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/553/2019/04/Manual\\_de\\_Dissertacoes\\_e\\_Teses-2015.pdf](https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/553/2019/04/Manual_de_Dissertacoes_e_Teses-2015.pdf). Acesso em 10 fev. 2020

VASCONCELLOS, M. **Superintendência de Comunicação/Prefeitura Municipal de Santa Maria**. Disponível em: <http://www.santamaria.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2020.

VIEIRA, L. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 32.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO DE MARTA TOCCHETTO

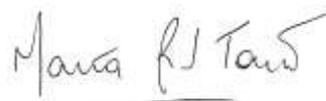
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ARTE CONTEMPORÂNEA  
LINHA DE PESQUISA: ARTE E TECNOLOGIA

Termo de consentimento para publicação

Este termo refere-se ao projeto de dissertação intitulado “DESC-ARTE: FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE”, desenvolvido no Programa de Pós-graduação – Mestrado em Artes Visuais/UFSM, de autoria de Jane Andiará Soares Zofoli, sob a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Darci Raquel da Fonseca. A presente pesquisa tem como objetivo questionar o descarte através da criação artística, no intuito de sensibilizar através do olhar fotográfico ressignificado. Os resultados desta dissertação serão divulgados na íntegra ou em partes, através de publicação impressa ou *online*, com fins acadêmicos e culturais. Nesse sentido, são utilizados fragmentos da entrevista transcrita abaixo:

**Entrevista realizada com a professora Dr.<sup>a</sup> Marta Regina Lopes Tocchetto, no dia 14 de fevereiro de 2020**

Eu Marta Regina Lopes Tocchetto abaixo assinado, entrevistado para a dissertação “DESC-ARTE: FOTOGRAFIA E MEIO AMBIENTE”, autorizo a publicação do texto citado, e concordo que meu nome seja mencionado.



Marta Regina Lopes Tocchetto

Data: 04 de março de 2020

## APÊNDICE B – ENTREVISTA COM MARTA TOCHETTO

Entrevista com Marta Regina Lopes Tocchetto, no dia 14 de fevereiro de 2020, em sua residência, em Santa Maria, RS. Marta Tocchetto possui graduação em Química Industrial pela Universidade Federal de Santa Maria (1980), especialização em Tratamento de Resíduos Industriais pela Pontifícia Universidade Católica-RS (1997), mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria (1999) e doutorado em Engenharia, área Ciência dos Materiais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental-seção RS e professor da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência nas áreas de Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, atuando principalmente nos seguintes temas: gerenciamento de resíduos industriais e águas. Coordenou a implantação da Coleta Seletiva Solidária na UFSM. (Informações de seu lattes 02.2020)

Jane Zofoli: Professora Marta, gostaria que você falasse sobre a política de descarte no Brasil?

Marta Tocchetto: O que norteia essa questão é a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). Os Estados e Municípios, por sua vez podem ter sua própria política.

J: Você sabe se Santa Maria possui uma política própria de descarte?

M: A coleta de resíduos sólidos é uma questão estratégica de gerenciamento. Santa Maria não tem política de descarte, ela está engatinhando nesse setor. Por outro lado, a aplicação da Política Nacional dispensaria a necessidade de Políticas Municipais, as quais poderiam considerar situações e peculiaridades locais

J: Professora, sabe se a Secretaria Municipal de Meio Ambiente é atuante nesse setor?

M: A Secretária Municipal de Meio Ambiente, Sandra Rebelatto tem muito boa vontade. A atuação da Secretaria é incipiente, limitando-se aos procedimentos de licenciamento ambiental. Uma de suas ações, em relação ao gerenciamento de resíduos é a exigência de um plano de gerenciamento desses resíduos nos restaurantes de Santa Maria, porém observa-se que a questão foi iniciada com

chamamento aos estabelecimentos para esclarecimentos e orientações, contudo pouco da situação modificou, a maioria descarta nos containers públicos, os quais deveriam conter apenas resíduos de residências, ou seja, pequenos geradores.

J: E quanto ao uso de sacolas plásticas pelo comércio local, principalmente pelos mercados, como funciona?

M: Esse é um assunto muito complexo. Os lojistas e supermercadistas sabem os malefícios de tantas sacolas em uso, mas, ao mesmo tempo tem medo de perder clientes se não oferecerem sacolas plásticas para seus clientes. Há uma despreocupação na cobrança da logística reversa, ou seja, todos os elos da cadeia geradora deveriam agir no sentido do retorno dos materiais à reciclagem. A fiscalização do poder público não ocorre. Sem cobrança, os geradores transferem a responsabilidade para o elo seguinte da cadeia. Desta forma, nada é feito e vem a célebre desculpa: a educação é um processo demorado. Na minha opinião, falta senso coletivo e responsabilidade dos envolvidos. É um eterno empurrar com a barriga.

J: Professora Marta, no seu entendimento o que impede a utilização de uma política correta de descarte?

M: O maior empecilho é a visão imediatista das pessoas. O que não me serve eu jogo para fora da porta: faz de conta que o meio ambiente não é meu também. O descarte doméstico é o pior, pois não tem fiscalização. Um empurra para o outro a responsabilidade.

A responsabilidade com um produto deve ser do início ao fim de sua concepção. Isso inclui o retorno para descarte correto/reciclagem/redução/reuso/tratamento.

J: Sabemos que Santa Maria está disponibilizando há pouco tempo, containers para material sólidos recicláveis, além dos anteriormente existentes para materiais orgânico, em alguns pontos da cidade. O que você pensa sobre isso?

M: Penso que, além da falta de consciência da população carece uma política de educação por meio da Prefeitura, para que essa ação tenha êxito. Sabemos que muito material orgânico é misturado ao material seco, contaminando-o. Não resolve panfletos por uns dias explicando. É necessário educar. A educação é um processo que deve ser exercido por todos os envolvidos. Não é só responsabilidade das

escolas. O próprio setor empresarial deveria ser cobrado e incentivado à redução, por exemplo, não basta proibir canudos plásticos e liberar o uso destes em outros materiais. Nesse caso, apenas há a reconfiguração de poluição. O problema em si não é resolvido.

J: E quanto à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)? Como você avalia esse compromisso?

M: Atualmente a coleta de resíduos UFSM, é referência para o Município de Santa Maria. Existem containers espalhados em todo Campus, organizados por três tipologias principais: recicláveis, orgânicos e rejeitos. Associações de catadores habilitados fazem a coleta seletiva encaminhando para empresas compradoras que, posteriormente enviam às recicladoras. Empresas especializadas recolhem resíduos especiais, como eletro eletrônicos, óleo de cozinha, infectantes, químicos e outros. Ainda há o recolhimento dos rejeitos pela coleta pública, os quais são destinados ao aterro municipal de Santa Maria.

J: Qual sua opinião sobre a pesquisa em Arte para o Descarte?

M: A Arte é a linguagem que tem o poder de sensibilizar as pessoas. Quando tu levas esses conceitos, essas críticas para a sociedade, em forma de Arte, ela é transformadora. Mais eficaz do que simplesmente uma lei.

J: A Arte não tem uma função prática, uma utilidade em si. O que você pensa da atuação interdisciplinar nas questões de Arte?

M: Acredito que essa forma é que vai resolver muitos problemas de educação em relação às questões ambientais. Exemplificando uma ação conjunta de um artista e um professor de química, para citar minha área, os olhares diferenciados, podem acrescentar uma visão mais completa que abarca tudo, ou seja, as diferentes visões se completam. É como se fosse um dominó. A interdisciplinaridade oferece o maior campo de atuação e melhores resultados.

J: Sei que realizas um trabalho nesse sentido na cidade de Santa Maria: fale sobre ele.

M: Sim realizo um trabalho de transformação de material, evitando que ele, simplesmente, termine na natureza. Trabalho com mais ou menos dez pessoas, na

Associação de Apoio à Pessoas com Câncer (AAPECAN-Santa Maria), transformando lonas de banners em utensílios úteis como sacolas, bolsas, nécessaires.

Esse trabalho também realizo no meu ateliê, em casa.

J: Marta, por favor o que mais podes nos falar sobre o descarte responsável?

M: Transformar diferentes materiais e sucatas, é uma ideia necessária. É fundamental darmos uma segunda vida aumentando a vida útil ao que é descartado. É muito importante que se dê um novo ciclo aos materiais descartados, evitando o simples encaminhamento à natureza, causando poluição, destruição de recursos naturais essenciais e a biodiversidade, atentando contra a vida e contra o planeta.

J: Professora Marta, agradeço sua contribuição e parabéns pelo seu trabalho.

## **APÊNDICE C – VÍDEO EXPOSIÇÃO FINAL**

Para acessar vídeo apresentação exposição final Mestrado copie link abaixo:

Link do vídeo

<https://youtu.be/2s-rfXOuzwU>

Link do vídeo

<https://youtu.be/2https://youtu.be/2s-rfXOuzwUs-rfXOuzwU>